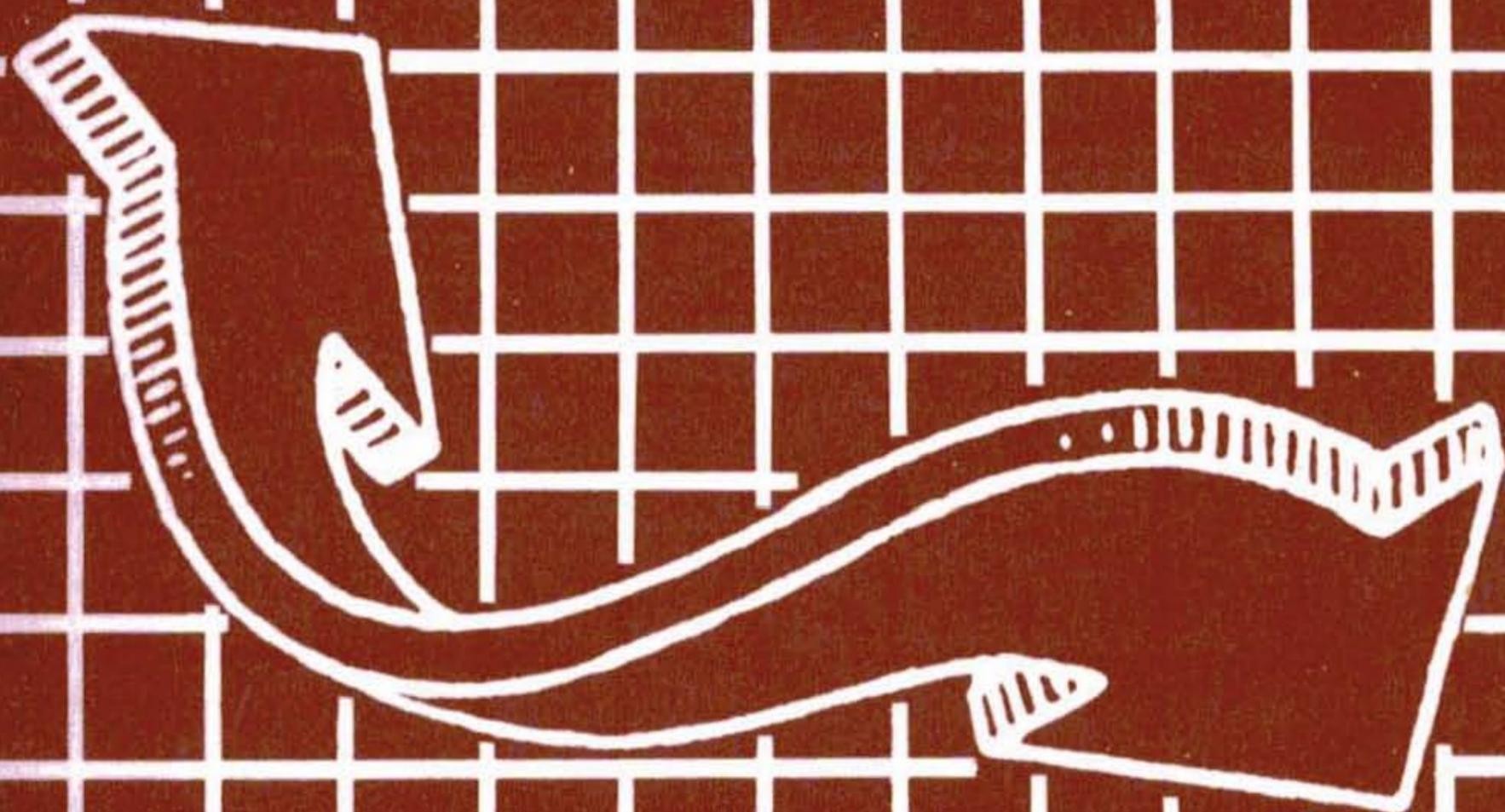


convergência

DEZ — 1984 — ANO XIX — Nº 178



- **FESTA DA MANIFESTAÇÃO DA VIDA**

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM — página 589

- **A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS COMO VITÓRIA DA VIDA**

Maria Clara Lucchetti Bingemer — página 597

- **O RELIGIOSO EDUCADOR: UMA CRISE SUPERADA?**

Pe. Agostinho Castejón, SJ — página 621

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1984:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1984 Cr\$ 12.000,00

Exterior: marítima US\$ 26,00

aérea..... US\$ 34,00

Número avulso Cr\$ 1.200,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

Uma simples SETA retorcida e em trejeitos a indicar duas direções. Roland Barthes propõe dois elementos de medida para se avaliar o interesse de um desenho ou de uma foto quaisquer: o *studium*, ou seja, o esforço e inclinação cultural de cada um; e o *punctum*, isto é, um detalhe que parte da imagem e atinge, de imediato, a consciência. Coisas óbvias se revestem, por vezes, de maior complexidade. Aceitando-se, todavia, a regra deste jogo semiológico de avaliação, pode-se concluir sobre nossa capa: a SETA, como figurada, é o emblema da indecisão, da ambigüidade, da indefinição, do gosto da pesca em águas turvas. O significado é evidente demais para ser tido como definitivamente apreendido. Para baixo ou para cima? Muito pelo contrário. Avançar ou retroceder? Nem uma nem outra alternativa. Permanecer.

Marcar passo. Estacionar. Denunciar (direção inferior) avivando a consciência dos erros? Ou, anunciar (direção superior) os caminhos a percorrer? Nada disso. Omitir-se, esta forma sinuosa de dourada irresponsabilidade. Há conflitos compatíveis com a Vida Religiosa. E, por isso, fecundos. Outros há, entretanto, irreconciliáveis com ela. E, por isso, estéreis e dopantes. A indecisão e a ambigüidade são espécies deste gênero. O Evangelho é categórico: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6, 24). E o Apocalipse, ao anjo da Igreja de Laodicéia, registra: "Porque és morno, nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca" (Apoc 3, 16). CONVERGÊNCIA, a revista dos Religiosos e Religiosas do Brasil, veicula um discurso afirmativo, revelador de coragem e de fé na Vida Religiosa. A falta de audácia de nossa parte pode paralisar o Espírito. CONVERGÊNCIA, leitura útil para qualquer momento e na formulação do futuro. Alarga o espaço onde os Religiosos se irmanam aos seus ideais, numa comunhão mais freqüente e mais fácil, aprimorando o traço de união por que tanto se empenha a Conferência dos Religiosos do Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	577
INFORME DA CRB	579
FESTA DA MANIFESTAÇÃO DA VIDA	
Fr. Almir Ribeiro Guimarães, OFM	589
A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS COMO VITÓRIA DA VIDA	
Maria Clara Lucchetti Bingemer.....	597
A ANIMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO	
Grupo de Reflexão sobre Educação.....	607
O RELIGIOSO EDUCADOR: UMA CRISE SUPERADA?	
Pe. Agostinho Castejón, SJ	621
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR	
Ir. Yolanda Nascimento, MJC	637

EDITORIAL

O Evangelista LUCAS, com a mesma delicadeza com que capta o Mistério do Menino e o relata no Evangelho da Infância, também capta e relata o sentido último dos sinais que JESUS realiza no meio do povo. Tanto aqui quanto lá, percebe ele, na acuidade da fé, a mesma PRESENÇA de Deus entre os homens, o Deus que assume a vida humana para tornar humana a vida, leva um nome próprio: JESUS, o CRISTO, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6).

Esse Mistério, encarnado no Infante de BELÉM e NAZARÉ, é proclamado pela Palavra e pelos gestos concretos do FILHO DO HOMEM que derrama sua Vida pelos caminhos da Palestina. É para isso que veio! Para que todos tenham vida e a tenham em plenitude (Jo 10,10)!

Quando, a caminho de NAIM, JESUS, seguido dos discípulos e de grande multidão, encontrou-se com uma viúva que acompanhava os funerais de seu filho único, parou, e, compadecido, devolveu a vida ao moço, e o entregou à mãe. O povo exclamou então, glorificando a Deus: "Deus visitou o seu povo! (Lc 7,11-17).

A Visita de Deus a seu povo, na verdade não é inseqüente. Transforma. Ressuscita. Vivifica. A PRESENÇA de Deus, reco-

nhecida e proclamada, cria vida nova. E é esse mesmo o Programa da Visita de Deus aos homens, a pauta da Vida de JESUS, por Ele mesmo estabelecida na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19).

Num momento da história como o nosso, tão sombrio das sombras de toda forma de anti-vida que grassa entre os homens, os discípulos de Cristo, que O seguem, Dele devem sempre reaprender a anunciar e dar Vida à vida. E os homens de hoje, o povo dos pobres, dos sofredores e oprimidos da terra, poderão também glorificar a Deus, com os Anjos de BELÉM, e como a viúva e o povo de NAIM exclamar de alegria: "Deus visitou o seu povo!"

CONVERGÊNCIA se sente feliz em dizer a todos: FELIZ NATALI. Porque Deus nos visitou e fixou morada entre nós!

Para Frei ALMIR RIBEIRO GUIMARÃES OFM, em "FESTA DA MANIFESTAÇÃO DA VIDA", Natal é a festa da VIDA. "Na fragilidade do Menino das Palhas, filho de MARIA e Filho do Altíssimo, manifestou-se a vida". E a pergunta surge: "O que é viver?" Ou: "Como penetrar no coração da vida?" É que, diante da realidade ambiente, pode-se, muitas vezes, ter a sensação de "assistirmos os funerais da

vida". No deserto de vida a que o mundo parece ter sido reduzido, "precisa ecoar o anúncio da vida... festejar a manifestação da vida". NATAL é a Festa da Vida!

Em "A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS COMO VITÓRIA DA VIDA", MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER fala da "proposta cristã" como "uma proposta de VIDA" que, aberta à escatologia, vai se concretizando na cotidianidade humana. "E Deus, longe de ser Alguém que arranque o homem para fora do campo desta pobre terra, se envolve, se revela e se encontra no seio e na trama da própria vida". É isso que O distingue dos falsos deuses, sem vida, que exigem a idolatria do ter, do poder e do prazer. É o que a Bíblia, desde suas mais remotas raízes, afirma: "Deus é um Deus vivo e que dá vida". Os outros geram a morte. Essa questão não é acadêmica. "É questão de vida ou morte" de seres humanos, nossos irmãos. "Do Deus que for adorado e invocado dependerá o fato de um homem ou um povo ser agente de vida ou de morte". O Deus do Cristianismo — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO —, é o Deus da Vida que, em Jesus Cristo, se insere na história dos homens, e pelo Espírito a conduz à plenitude.

Em "A ANIMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO", o GRE (Grupo de Reflexão sobre Educação), ór-

gão de assessoria da CRB Nacional na área da Vida Religiosa atuante na Educação, prolonga sua reflexão já iniciada em artigo lançado em CONVERGÊNCIA de outubro último. E demonstra como os SEMINÁRIOS realizados pela CRB trouxeram à tona a causa da crise de identidade do Religioso Educador, e da falta de animação a nível de Províncias, de Comunidades, ou de Organismos encarregados de animar a Vida Religiosa nessa área. Necessário se faz um Projeto de Vida Religiosa na Educação, para que ali a Vida Religiosa reafirme seu sentido evangélico pleno e concreto.

Pe. AGOSTINHO CASTEJÓN SJ, em "O RELIGIOSO EDUCADOR: UMA CRISE SUPERADA?", propõe-se comentar as coordenadas do questionamento em torno do RELIGIOSO EDUCADOR. Ao fazê-lo, tem diante de si não só os Religiosos que atuam diretamente na educação formal escolar, mas também os Religiosos que partilham das responsabilidades no governo e animação de Religiosos Educadores bem como de Religiosos Inseridos que concretizam, a nível de povo, um novo tipo de educação. De onde surge o questionamento? Estaria superado? Quais as suas perspectivas? Conhecedor profundo do assunto, Pe. AGOSTINHO traça os caminhos pelos quais andou o Religioso Educador no após MEDELLÍN.

Pe. Atico Fassini, ms

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

REUNIÃO CELAM-CLAR

O dia 25 de julho último marca uma nova etapa para a comunhão entre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e a Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR). Durante duas horas, as presidências e as secretarias de ambos os organismos, juntamente com a Comissão do Departamento de Vida Consagrada do CELAM, se reuniram em Bogotá, na data acima, para um diálogo, visando unir forças e ratificar a unidade entre a Igreja e a Vida Religiosa.

Por parte do CELAM, estiveram presentes: Presidente: Dom Antonio Quarracino; 1º Vice-Presidente: Dom Felipe Santiago Benitez; 2º Vice-Presidente: Dom Clemente José Carlos Isnard; Comitê Econômico: Dom Hugo Polanco Brito e Secretário Geral: Dom Dario Castrillon Hoyos.

E do Departamento de Vida Consagrada: Presidente: Dom Miguel Obando Bravo; Membro do Departamento: Dom Rafael Gallardo e Secretário do Departamento: Pe. Luiz Eduardo Castalho.

Por parte da CLAR estiveram presentes: Presidente: Pe. Mateo Perdia; Vice-Presidente: Irmão Silvino José Fritzen; Secretária-Geral: Irmã Hermengarda Alves Martins e Secretário Adjunto: Pe. Xavier Ozuna.

Num clima de grande fraternidade, Dom Antonio Quarracino presidiu a reunião, solicitando no início, ao Presidente da CLAR, um breve relato sobre a XX Reunião da Junta Diretiva, realizada em abril último, na cidade de Fortaleza, Brasil. Feita a exposição pelo Pe. Mateo Perdia, o Presidente do CELAM fez um rápido comentário e observações, com algumas perguntas, que foram igualmente respondidas pelo Presidente da CLAR.

Dom Clemente Isnard falou, a seguir, sobre o perigo do aburguezamento, instalação e segurança por parte de religiosos que ainda não entenderam o sentido da verdadeira libertação. Acentuou, o 2º Vice-Presidente do CELAM, a importância da presença dos religiosos na cultura e nas artes.

Dom Benitez, 1º Vice-Presidente do CELAM, formulou algumas perguntas para a CLAR, ainda em relação à XX Reunião da Junta Diretiva e à vida Religiosa da América Latina, sendo esclarecidas pelo Presidente, Pe. Mateo Perdia.

Dom Obando perguntou à CLAR sobre a política e as táticas que pretende seguir no trabalho da inserção, sendo esclarecido pelo padre Presidente da CLAR. Ainda o Arcebispo de Manágua sugeriu a conveniência de ser organizada uma comissão conjunta, formada por teólogos do CELAM e da CLAR, para

refletirem sobre os votos e sobre o relacionamento dos Religiosos com a Igreja Universal e a Igreja Particular.

Dom Hugo Polanco solicitou esclarecimentos acerca da constituição das Diretorias Regionais das Conferências dos Religiosos, de acordo com o Novo Direito Canônico. A resposta foi dada pelo Presidente e a Secretária da CLAR.

Dom Dario, na qualidade de Secretário-Geral do CELAM, apresentou, a seguir, as atividades previstas no Plano Global do CELAM, e cujo equacionamento requer um trabalho conjunto entre a Comissão do Departamento de Vida Consagrada do CELAM e a CLAR. Pede esta colaboração mútua, entre outras iniciativas: A organização de uma equipe de discernimento; Um trabalho sobre a Igreja Popular e as Comunidades Eclesiais de Base; A organização de uma pedagogia para solucionar conflitos; A ajuda a ser prestada para a América Central; Os cursos de Espiritualidade e de Liturgia; Ajuda a ser prestada para a Vida Contemplativa.

Desde o ano passado já existe entrosamento e ajuda mútua entre a Comissão do Departamento de Vida Consagrada do CELAM e a Secretaria da CLAR. Cabe aos mesmos dar continuidade ao trabalho que estão realizando, e dinamizar as iniciativas que são da responsabilidade de ambos os organismos. No final do encontro expressou-se a necessidade de que estes encontros se tornem prática normal entre CELAM e CLAR, sugestão que teve a acolhida e a aprovação de todos os presentes.

Ir. Silvino J. Fritzen, F.S.C.

SEMINÁRIO PARA FORMADORES

A CRB Nacional, dentro da nova metodologia que adotou para envolver mais e melhor não só as SUAS Regionais mas também os próprios Religiosos, no que se refere à organização de Encontros ou Seminários Nacionais, promoveu o SEMINÁRIO PARA FORMADORES, realizado em BELO HORIZONTE, de 19 a 26 de agosto de 1984. Para tanto, contou com a colaboração de três ASSESSORES: Irmã MARINA DI POLTO RSCJ, Pe. CLETO CALIMAN SDB e Pe. JOSÉ ANTÔNIO NETTO DE OLIVEIRA SJ. A CRB Regional de BELO HORIZONTE se pôs inteiramente à disposição dessa promoção. O SEMINÁRIO PARA FORMADORES se realizou no NOVICIADO SSma. TRINDADE, na VILA PARIS, B.H.

A Dinâmica (Ver-Julgar-Agir) e a Temática do SEMINÁRIO foram estabelecidas a partir das sugestões que as Regionais da CRB previamente enviaram à Nacional.

O grande objetivo do SEMINÁRIO era fazer: um CONFRONTO das experiências, dificuldades e sucessos no campo da Formação para a Vida Religiosa; uma AVALIAÇÃO dos pressupostos que orientam essas mesmas experiências; um LEVANTAMENTO DE PERSPECTIVAS para a Formação para a Vida Religiosa no Brasil atual.

A PAUTA do SEMINÁRIO constou do seguinte: **1º dia:** Problemática da Juventude na Sociedade e na Igreja; **2º dia:** Vida Religiosa e experiência de Deus na Formação situada aqui e agora; pedagogia da Oração; **3º dia:** Missão, inserção, lugar social, vocações

populares; **4º dia:** Pessoa e Comunidade Formadora; a Pessoa do Formador; a relação Formando-Formador; a Formação Afetiva; **5º dia:** Formação para a liberdade; **6º dia:** Critérios para a seleção de candidatos; **7º dia:** Conclusões.

Uma longa seqüência de trabalhos em Grupos e Plenários, iluminados com as reflexões dos ASSESSORES, levou o SEMINÁRIO às seguintes CONCLUSÕES:

“1ª) A Formação para a Vida Religiosa deve levar em conta o jovem, com seus valores e desvalores, situado no contexto familiar, sócio-cultural e eclesial em rápido e profundo processo de mudança.

“2ª) A experiência de Deus acontece na vida. Aprofunda-se no seguimento de Jesus Cristo, Verbo Encarnado na história, através de diferentes mediações, levando a um compromisso com o processo de transformação pessoal e social, a serviço do Reino de Deus.

“3ª) A Formação para a Vida Religiosa deve ser assumida a partir da Missão de Jesus Cristo, enviado ao mundo. Essa Missão é constitutiva do ser religioso. Temos consciência de que o Espírito Santo nos conduz a uma inserção na caminhada do povo, em comunhão e participação, na radicalidade evangélica e na fidelidade à opção pelos pobres.

“4ª) A Formação para a Vida Religiosa, tendo como eixo central a Missão, é realizada dentro de uma Comunidade Formadora. Deve ter em vista a realidade do Formando bem como a realidade da Igreja Particular e do Povo.

“5ª) A Formação para a Vida Religiosa proporcione ao Formando, condições favoráveis (como p.ex., estruturas flexíveis, acompanhamento pessoal, comunidade incentivadora), para que ele assuma, na liberdade, o seguimento de Jesus Cristo, confrontando a própria caminhada pessoal com o projeto evangélico de Vida Religiosa.

“6ª) Na seleção dos candidatos à Vida Religiosa, deve-se avaliar, junto com o jovem, sua capacidade ou incapacidade de assumir o projeto de Vida Religiosa.”

O SEMINÁRIO contou com a presença de 52 participantes, provenientes de quase todas as Regionais de CRB, e pertencentes a 39 diferentes Congregações. Considerado muito bom pela avaliação final, o SEMINÁRIO pôde colaborar na capacitação sempre maior de Formadores que, além de assumir a área da Formação na própria Congregação, se dispõem também a colaborar com a respectiva Regional da CRB na promoção de programas do interesse da Formação para a Vida Religiosa a nível regional.

Pe. Atico Fassini, ms
Secretário Executivo

XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

16 a 22 de julho de 1985 — APARECIDA — SP.

A cidade de APARECIDA, SP, será sede do XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL (CEN). O Santuário da Padroeira do Brasil, em APARECIDA, foi proclamado, pela 22ª Assembléia Geral

da CNBB, "SANTUÁRIO NACIONAL". O XI CEN terá, como Tema, o "MAGNIFICAT" de Nossa Senhora, e, como Lema, "PÃO PARA QUEM TEM FOME", lema também da Campanha da Fraternidade de 1985. Um ANO EUCARÍSTICO, de 02 de dezembro de 1984 a 21 de julho de 1985, preparará a realização do CONGRESSO.

É evidente o nexó entre Tema — o Hino de MARIA — e a sede do XI CEN, APARECIDA, centro nacional da devoção mariana. O MAGNIFICAT é o cântico por excelência, de MARIA, e se tornou a oração privilegiada, o cântico preferido do povo cristão. Na sua oração universal, a Igreja, ao rezar esse Cântico, venera sua Mãe, e Nela busca força e inspiração para seu caminhar. Esse é o Hino dos tempos messiânicos, exaltação das maravilhas que Deus realiza no seu Povo, pela transformação radical das situações de morte e injustiça em que ele vive na história. Na esteira dos Pobres de Javé, MARIA levanta a bandeira da esperança para os empobrecidos desse mundo: Deus está a seu lado!

E o nexó entre Tema e Lema surge do próprio MAGNIFICAT, ao proclamar Maria que Deus "enche de bens os famintos". A fome é trágica realidade no mundo de hoje, em nosso país especialmente. A fome dizima, hoje, sobretudo o povo nordestino. A crise econômico-financeira, o desemprego e recessão se alastraram em nossa terra e assumiram o aspecto desumano das esqueléticas faces de camadas inteiras de nossa população, na periferia das metrópoles, nas cidades e campos. O Lema, "PÃO PARA QUEM TEM FOME", se torna, aqui, um clamor e um programa. Clamor e prece para que Deus não cesse

de distribuir seus bens aos que têm fome. Programa e compromisso para que todos os brasileiros se empenhem na luta pela eliminação das causas que geram pobres e famintos em nosso povo.

Diz a Comissão Organizadora do XI CEN: "Jesus Cristo, durante sua curta trajetória por esta terra, em várias ocasiões, saciou a fome das multidões. "Tenho compaixão deste povo", foi a sua expressão. E Jesus quis oferecer ao povo não só o alimento material, mas o Pão da Vida eterna — o Pão Eucarístico. Por isso, a Igreja no Brasil quer proporcionar, através da C.F. e do CEN, a partilha entre irmãos para que não haja mais famintos entre nós, e saciar a fome existencial, a fome de Deus, através da Eucaristia" (BOLETIM INFORMATIVO I, abril de 1984, APARECIDA, SP, p. 3).

MARIA, Mãe da Igreja, congregará seu Povo em torno ao Cristo Eucarístico, para magnificar a libertação que Deus realiza, suscitando a partilha do pão e da vida com os famintos e empobrecidos.

Nessa perspectiva, o XI CEN terá um programa intenso: palestras, estudos, sessões culturais e artísticas, e, sobretudo celebrações para os diferentes grupos. Um dia será especialmente dedicado aos que se consagraram ao serviço de Deus no seu Povo: Sacerdotes e Religiosos.

Muitos frutos de bem, paz, reconciliação e libertação surgirão desse evento eclesial no Brasil de 1985.

Pe. Atico Fassini, ms

SANTO IRMÃO MIGUEL

Francisco Febres Cordero y Muñoz,
DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS
(de La Salle).

Os Irmãos das Escolas Cristãs fundam sua primeira escola na América Latina, em 1863. Acedendo a uma petição insistente do Presidente Gabriel Garcia Moreno, DEZ Irmãos chegam a Guayaquil, porto de mar da República do Equador, em março desse ano. Estabelecem-se simultaneamente em Quito, a capital, e em Cuenca, importante cidade do sul do país.

Um dos primeiros alunos cuencanos se chama FRANCISCO FEBRES CORDERO Y MUÑOZ. Ele será o primeiro Irmão de La Salle da América Latina, a consagrar-se na Congregação com votos perpétuos. E será a glória do Instituto e de sua pátria.

Honrou sua pátria porque se tornou exímio homem de letras. Por unanimidade de votos foi eleito membro da Academia Equatoriana de Língua Espanhola, Correspondente da Academia Nacional da Venezuela, e condecorado com as Palmas de Oficial da Academia Francesa. Quando seus restos mortais chegaram à sua pátria durante a Revolução Espanhola de 1936, seus compatriotas o acolheram triunfalmente. Nessa ocasião foi erigido um imponente monumento, aos pés da colina onde se ergue a Escola "del Cebollar", onde foi professor.

Deu glórias à Congregação dos Irmãos de La Salle com seus estudos, com a publicação de obras didáticas e de cultura, muito apreciadas; mas, sobretudo, pelo testemunho de sua san-

tidade. Hoje a Igreja o apresenta à veneração dos fiéis, e decreta para ele as honras dos altares.

FRANCISCO FEBRES CORDERO Y MUÑOZ nasceu em Cuenca, a 17 de novembro de 1854. Teve permanente gosto em lembrar que nasceu um mês antes da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Sobre seu berço, porém, se estende um véu de tristeza: nasce com os pés mal formados. Até os seis anos só consegue arrastar-se, e durante toda a vida sofreu de penosa debilidade dos membros inferiores, a ponto de ser obrigado a andar sempre de bengala. Aos cinco anos logra dar uns primeiros passos, de maneira julgada miraculosa.

Desde menino, Francisco manifestou acendrada devoção e confiança em Nossa Senhora. A educação cristã provocou nele uma resposta profunda. Nas famílias de mais vida cristã, na época, rezava-se o terço todos os dias e se fazia a leitura das vidas dos santos. Assim o futuro Irmão MIGUEL ouviu muitas vezes o relato de graças maravilhosas concedidas pela Mãe de Deus, em resposta às invocações dos fiéis.

Atraíam-no também as práticas de penitência dos santos, cujas vidas se liam na família; às escondidas, procurava imitá-las. Os familiares e amigos logo o notaram.

Até os 9 anos, devido a seu defeito físico, recebeu em casa a instrução elementar. Quando, em 1863, os Irmãos das Escolas Cristãs, de La Salle, chegaram a Cuenca, Francisco foi um dos primeiros alunos inscritos na instituição. E logo sentiu-se cativado, fascinado pela Escola, pela educação reli-

giosa, pelo estudo: No seu espírito nasceu de pronto um afeto de admiração pelos seus mestres, discípulos de São João Batista de La Salle. Sua inteligência, aguçada pela sua circunstância física e psicológica, estimulada pelo atrativo do ambiente escolar, o compelia sistematicamente aos primeiros lugares no rendimento intelectual.

Já não pode viver fora da Escola. Isto todos sabem e sentem, de modo que, quando os pés lhe doem demais, e tem dificuldade de chegar à escola, seus companheiros vão buscá-lo e o carregam nas mãos, dizendo-lhe felizes: "Longe de nós, você mesmo não agüentaria"!

Mas, em dado momento, Francisco descobre em si mesmo um veemente desejo: ser como seus mestres! Sentir-se-ia tão feliz se pudesse unir-se a eles ingressando no Instituto. Dá-lo a entender a seus pais. A reação destes foi redondamente negativa: eles se sentiriam felizes se se tornasse sacerdote. A Congregação de La Salle era ainda tão pouco conhecida, não tinha futuro certo no país, trabalhava com excessiva pobreza na educação dos mais pobres, ... Isto, para uma família burguesa, constituía uma perspectiva nada esplêndida.

E assim, a família decide tirar Francisco da Escola dos Irmãos e levá-lo para o Seminário diocesano. Francisco obedece, e faz tudo que pode para obter êxito nos estudos, e viver a santidade que o novo ideal exige dele. Mas, seu coração está ausente. Vaga por entre as escrivatinhas da Escola de La Salle. No seminário sofre. E volta-se para Aquela que lhe dera sinais de proteção e de amor: implora a Nossa Se-

nhora que lhe dê a solução do problema, e seja novamente a Estrela de sua vida.

Três meses depois do ingresso no Seminário, Francisco sofre de violentas dores de cabeça que não amainam. O superior do Seminário entende o drama, e, sem mais tergiversações, devolve à família o seminarista forçado. Francisco se recupera, e frequenta novamente a Escola dos Irmãos. Porém, a oposição a seu projeto não diminui. A avó, especialmente, não tenciona render-se, e encontra maneiras de fazer sentir ao jovem a sua oposição e a da família. Francisco não é nenhum insensível. E sofre. Mas sua vocação já está tão clareada que os ataques da avó não diminuem nem um pouquinho a força interior de sua resposta ao chamado de Deus. A avó deverá ceder.

A esta altura, o pai de Francisco se encontra em Lima. Escrevem-lhe para saberem do parecer dele, e conseguir sua autorização para o ingresso no Noviciado. A resposta não é decididamente negativa, mas renitente. Quer dar tempo ao tempo.

A 24 de março de 1868, a mãe de Francisco assume toda a responsabilidade, e assina a ansiada autorização. Assim, na vigília da Anunciação de Nossa Senhora, Francisco veste o hábito, e recebe o novo nome: Irmão MIGUEL.

A luta pela fidelidade à vocação, porém, não estava terminada. Seu pai acatou a decisão da esposa com reservas, e tentou interferir na opção do filho. Ao encontrar nele resistência, rompeu todo tipo de relacionamento com ele. E, quando do envio do Irmão Miguel a Quito, para iniciar-se no apos-

tolado da escola, seu pai encetou toda casta de manobras para obrigá-lo a voltar para casa. Os Superiores do Irmão Miguel fazem intervir as mais altas autoridades religiosas. O pai não voltou a insistir, então, mas durante cinco anos não se correspondeu com o filho com uma linha sequer. Foi somente após necessitar de um grande favor do filho, que este pôde romper tão doloroso silêncio.

Deu-se da seguinte maneira: O Presidente da República do Equador, Gabriel Moreno, apreciava muito os Irmãos. Conhecia a história do Irmão Miguel, ao qual prezava sobremodo. O pai também sabia disto, e teve necessidade de uma influência extraordinária para obter do Presidente a liberdade de um amigo, o Dr. Arízaga, periodista da oposição a Garcia Moreno. Desta forma se iniciou a reconciliação que, apesar de tudo, ainda conheceu algumas dificuldades. Somente após pedido semelhante em favor do próprio pai, se confirmou, e a resistência paterna se amainou. Houve novamente correspondência mútua, para a grande alegria do Irmão Miguel, e de toda a sua família.

O Irmão Miguel trabalhou nas escolas de Quito durante mais de 40 anos. A maior parte do seu tempo se passou nas salas de aula. Muito em breve se sobressaiu como professor de Língua e literatura. A dificuldade de dispor de livros de texto apropriados, o induziu a compor, muito jovem ainda, gramáticas e diversos outros manuais. Nestes livros, suas colocações são claríssimas, suas explicações convincentes e sua competência indiscutível: o êxito é notável e imediato. O Governo Nacional adota alguns de seus textos em todas as escolas da República.

Deste modo, grande porção do tempo que o ensino direto em sala de aula lhe deixa disponível, o Irmão Miguel o emprega na redação de textos escolares, desde os mais elementares aos mais completos. A Gramática Espanhola de sua autoria conheceu um êxito surpreendente, e foi adotada, inclusive, em outros países da América Latina.

Todavia, o ministério a que o Irmão Miguel se devota com o maior entusiasmo e com a máxima preocupação é a CATEQUESE. E, entre todas as formas de catequese, sobressai a preparação dos meninos à Primeira Comunhão. De 1880 até sua partida para a Europa, em 1907, foi o encarregado indiscutido desta missão, juntamente com os capelães e outros Irmãos. Era ele o animador do grupo, e ele que organizava a preparação imediata do Grande Dia, dirigindo o retiro preparatório. Muitos anos depois, os alunos ainda recordavam, com emoção, seu apostolado de "Catequista de Primeira Comunhão". A plenitude de sua Fé e de seu Amor se transfundia então nas almas dos meninos.

O relacionamento constante com os meninos sulcou em sua mente e em sua espiritualidade uma marca característica: a Simplicidade. Seus modos e suas palavras são um espelho da "infância espiritual", da qual sua devoção ao Menino Jesus é outra prova. Sua inteligência de estudioso, apesar da vasta cultura com que se enriquecera, permaneceu extraordinariamente simples, como simples e claros são os numerosos textos que legou à escola.

Estava sempre pronto para prestar serviços, e tinha o talento de não manifestar a dificuldade que sentia para

atender às chamadas de muitos, em horas em que se sentia assediado de compromissos, e na premência dos prazos editoriais. Por vezes foi obrigado a diferir por algumas semanas a correção das provas tipográficas, e dar férias a seus colaboradores... para ajudar a seus irmãos a completarem seus estudos e prepararem seus Cursos.

Sua esplendorosa caridade brilha sempre com novo fulgor, alimentada por sua piedade eucarística e por sua devoção mariana. Para todos já se tornara evidente: O Irmão Miguel é um Santo! Até mesmo na rua, grupos de pessoas o veneram e louvam, causando-lhe estupor e confusão.

A estima que os Superiores da Congregação se criaram de sua inteligência e virtude, impuseram ao Irmão Miguel um grande sacrifício, qual foi o de deixar sua pátria, e mudar-se para a Europa. As razões foram complexas: situações políticas e amplas perspectivas pastorais.

Em 1904, na França, foram votadas leis fortemente discriminatórias contra as Congregações Religiosas. Para salvarem sua vida religiosa, muitos Irmãos decidiram expatriar-se. A Espanha e a América Latina os acolheram -em grande número e de braços abertos. Era necessário, porém, dispor de instrumentos didáticos de valor, em vista, sobretudo, do desconhecimento da língua espanhola por parte dos recém-vindos. O Irmão Miguel, neste "céu", era uma Estrela. E os Superiores, imediatamente, se fixaram nele.

O Irmão Miguel, sem a mínima resistência, deixou para trás muitos compromissos. Embarcou para a França;

passou alguns meses em Paris. Dali se mudou para Lembecq-lez-Hal, Bélgica, onde então estava a Casa Generalícia da Congregação. Passou ali um ano, dedicado exclusivamente à composição de Textos Escolares.

O clima da Bélgica, porém, é muito diferente do clima da sua terra natal. Nevoeiros, frio, umidade, ... tudo tão diferente da eterna primavera de Quito. Devido à sua compleição fraca e organismo delicado, o Irmão Miguel sofre. Os Superiores se dão conta do perigo, e o enviam à Espanha, onde o clima e o ambiente lhe poderiam ser mais favoráveis. Assim, o Irmão Miguel mais uma vez se muda, desta vez para Premiá de Mar, perto de Barcelona, onde tivera início uma casa de formação que acolhia a jovens de várias nacionalidades, em preparação para atividades missionárias. Lá, o Irmão Miguel, ao mesmo tempo que prosseguia em seu afã de redigir obras didáticas, se entregava a lições de espanhol aos aspirantes.

A situação política espanhola está numa fase de séria crise. Em julho de 1909, também em Premiá de Mar sopram os ventos da Revolução, na chamada "Semana Trágica". O perigo é iminente e a violência anticlerical evidente. Em tal situação decidiu-se pela evacuação da casa. Os Irmãos e os Aspirantes foram embarcados num barco militar e levados a Barcelona, onde encontraram refúgio precário nos armazéns do porto, até que se possibilitasse a hospitalidade no Colégio de Bonanova.

O Irmão Miguel, naquela eventualidade, levou consigo o cibório com as hóstias consagradas da capela de Premiá.

Ele, que sempre encontrara dificuldade para caminhar, encontrou forças para percorrer com o grupo, de madrugada, os 7 quilômetros que separam o porto do Colégio da Bonanova, sem causar atrasos nem molestar a ninguém.

A Revolução cedeu, e os Irmãos voltaram a Premiá. Porém, as condições de saúde do Irmão Miguel se agravaram. Ressente-se agora do mal-estar de Paris, da Bélgica, da fadiga da Espanha, e do ritmo acelerado do seu trabalho. Na primeira quinzena de janeiro de 1910, um resfriado degenera em pneumonia dupla. Seu organismo debilitado não reage. E, após três dias de agonia, o Irmão Miguel morre, rodeado pelos seus Co-irmãos e os Aspirantes, todos chorando, porque nele perdiam um modelo e um mestre extraordinário. Em todos se gravou a admiração pela serenidade do derradeiro passo, e a autêntica sensação de que o Irmão Miguel não poderá nunca ser esquecido.

A notícia da morte do Irmão Miguel chegou ao Equador, onde suscitou comoção e pranto. Um membro da Academia de Letras declarou: "A morte do Irmão Miguel é grave perda para o Instituto, para o Equador, sua Pátria, e para as letras hispano-americanas, das quais foi artífice fecundo". — A morte do humilde Irmão foi declarada de luto nacional.

Em 1936, durante a Revolução Bolchevista Espanhola, os restos mortais do Irmão Miguel foram repatriados, após reconhecimento, devido a uma profanação de seu túmulo. Tributo-se ao humilde educador uma acolhida triunfal, da qual participaram as mais altas autoridades religiosas, civis e militares, e todo o povo. Foi erigida uma tumba

na Casa dos Irmãos de "la Magdalena", em Quito, onde a veneração do povo equatoriano encontrou a forma de manifestar-se e crescer, preparando assim o reconhecimento da santidade, pela Igreja Universal, através da beatificação em 1977, e da canonização em 1984.

O menino deficiente, sobre cujo berço se chorara como sobre irreparável desgraça, é agora uma ESTRELA do Equador a brilhar sobre a Igreja Universal.

Irmão Edgard Hengemüle, F.S.C. Provincial

SEMINÁRIO NACIONAL PARA OS RELIGIOSOS INSERIDOS NOS MEIOS POPULARES

A CRB/Nacional tem procurado acompanhar o processo das pequenas Comunidades de Inserção. Na XI AGO/77 foi acentuada a necessidade de uma maior participação e solidariedade com o povo. Para dar efetividade a esta prioridade, realizou o I Seminário sobre a Vida Religiosa Inserida nos meios populares (Cfr Convergência dezembro 79, págs. 621 a 640). Continuando o projeto a CRB/Nacional fez acontecer em novembro de 1981 o II Seminário destinado às Comunidades Inseridas nos Meios Populares do Nordeste do Brasil.

No último encontro anual da Diretoria e Executivo Nacionais com os Presidentes e Secretários Executivos Regionais, realizado em novembro de 1983, percebeu-se a necessidade de uma NOVA METODOLOGIA para as pro-

gramações da CRB/Nacional. Percebeu-se também a necessidade de DESCENTRALIZAÇÃO das programações e, sugeriu-se que os PARTICIPANTES de tais programações, fossem, de preferência, representantes de cada Regional e atuassem como MULTIPLICADORES levando a cada Regional a experiência vivida e dinamizando programações semelhantes. Com este espírito, a CRB/Nacional promoveu o III Seminário de 22 a 28 de julho/84 em São Luís/MA.

O tema geral do Seminário foi o seguinte: "Ideologia e Mudança Sócio-Política. Visão a partir da Inserção dos Religiosos nos Meios Populares". Dentro deste tema geral, o Seminário enfocou:

1 — O contexto da situação concreta em que os Religiosos se inserem.

2 — Análise político-social da situação do País e da Região.

3 — Tendências políticas e ideológicas que disputam a condução do processo nacional.

O Seminário foi assessorado pelo Pe. João Edênio dos Reis Valle, SVD e pelo Prof. Luiz Eduardo Wanderley, ambos da PUC de S. Paulo.

Participaram 50 Religiosos(as) de 34 Congregações representando quase todas as Regionais da CRB.

A dinâmica seguida foi a do VER, JULGAR e AGIR, possibilitando uma visão de conjunto da realidade e do processo de mudança a partir da ótica das Classes Populares, a crítica e auto-crítica da caminhada e a abertura de pistas ou perspectivas de ação.

O Seminário trouxe à luz os seguintes temas: Os Religiosos na história recente do Brasil; A Inserção dos Religiosos na realidade brasileira; A Conversão dos Religiosos para as Classes Populares; Movimentos Populares; Pedagogia e Pastoral Popular; Ideologia e Política; Educação Popular e a Espiritualidade da Inserção.

A avaliação final, trouxe entre tantas outras, as seguintes afirmações: O Seminário abriu horizontes, deixando claro as interrogações diante da Realidade. Clarificou a situação do povo nesse momento histórico em que vive a América Latina. Foi fundamental para o momento histórico da Igreja e da Vida Religiosa.

Atendendo ao apelo dos Delegados Regionais, a CRB/Nacional promoverá em 1985 dois Seminários: um em Manaus, outro em Goiânia com a finalidade de favorecer a INTER-REGIONALIDADE.

Pe. Carlos Alberto Steil, SCJ

Para refletir

A genuína humildade tem uma dupla exigência: ela é convicção profunda de que nada do que fizemos ou pensamos faz falta à harmonia do mundo, mas não nos dá o direito de não fazer e não pensar sob pena de recusar-nos aos outros e, por conseguinte, recusar-nos a Deus, **Tristão de Athayde.**

FESTA DA MANIFESTAÇÃO DA VIDA

A partir da Encarnação do Verbo, a vida humana é próxima de Deus e é a própria vida de Deus humanado. Deus chora nossas lágrimas e ri nossos cantares. Deus tem coração que pulsa, pulmões que arfam, estômago com fome e garganta com sede.

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

Niterói, RJ

Os cristãos estão acostumados a festejar com carinho a manifestação de Deus aos homens no rosto e na vida de Jesus de Nazaré. Ano após ano temos a mesma cena diante dos olhos. Não podemos permitir que o Natal seja apenas uma festa intimista e adocicada. Nossas sociedades ocidentais esvaziaram o Natal de seu conteúdo de compromisso e de responsabilidade. Na fragilidade do Menino das Palhas, filho de Maria e Filho do Altíssimo, manifestou-se a vida. O evangelista João se compraz em falar do Verbo da Vida que quer anunciar a todos os homens. Fala desse Jesus que é pão da vida, fonte de vida, vida em plenitude que borbulha no seio do Pai da Vida, do Verbo da Vida.

1. Nossas interrogações

Viver é um empreendimento árduo. Não construímos a vida. Deixamo-nos levar pelo movimento

da vida. Surpreendemos sua pujança no cotidiano. Sentimos que esse acolhimento da vida é importante e não podemos deixar que a vida passe a nosso lado. Viver em plenitude significa, para nós, buscar uma felicidade que anda escondida como um tesouro num campo ou uma fonte no deserto. Sentimos que muitas de nossas potencialidades precisam vir à tona. Nossa garganta queima com tantas perguntas e com múltiplos questionamentos. O que é viver? Qual o sentido desse tempo que vai desde o nosso nascimento até o inverno de nossas existências? Por que tantas vidas breves? Por que o homem não consegue a plenitude de vida que se chama felicidade? Por que o homem se acha assaltado de tantas perguntas a respeito de questionamentos derradeiros? Por que o relacionamento entre as pessoas se torna tão problemático? Sentimos que precisamos estabelecer laços de

amizade e de amor entre companheiros de um mesmo destino e, no entanto, criamos a divisão, sentimos a impossibilidade da comunicação vital e mergulhamos na solidão. Por que e como viver, quando tudo nos parece tão complicado e tão intrincado? E, no fundo do homem, há esse princípio de esperança que o anima a caminhar adiante. Como se fará a plenificação de nossos dias? Como "aproveitar" a vida? Como conseguiremos extirpar os formalismos e os legalismos de nossa vida? Como ficar à escuta da vida nas crianças e jovens que se manifestam de maneira nova? Como salvar a vida de uma corrosão que parece definitivamente irreversível? Como mostrar a tantos que a vida não é apenas sensação epidérmica? Como penetrar no coração da vida?

2. No deserto da vida

Embora a vida continua borbulhante nas veias da história e da humanidade, somos levados a afirmar que, muitas vezes, parece assistirmos os funerais da vida. Uma rápida análise, mesmo superficial, daquilo que se passa à nossa volta, mostra ser urgentíssima uma campanha em prol da vida. A Campanha da Fraternidade deste ano de 1984 se encarregou de colocar todos esses aspectos em destaque. Limitamo-nos a encadear alguns fatos que provam a existência de um deserto de vida à nossa volta.

Do ponto de vista ecológico notamos que há traços de morte por toda a parte. Peixes morrem nas lagoas, raças de animais estão em

extinção, produtos químicos fazem um verde artificial, enormes regiões se transformaram em autênticos desertos com o corte alucinado de madeira, nossas cidades estão secas do verde da vida, o mar se poluiu e as estrelas desapareceram por detrás de uma camada espessa de poluição. Francisco de Assis teria dificuldade de compor hoje seu cântico das criaturas louvando o brilho do sol, a graça das estrelas e a pureza da irmã água! A vida verdadeira vai sendo substituída por uma vida artificial na qual se acomodam as novas gerações.

Nas filas dos postos de atendimento da Previdência Social, nas portas das igrejas, nas proximidades das rodoviárias, debaixo dos viadutos, no campo e nas cidades estão os pobres, os miseráveis, os famintos de saúde, de pão, de vida. Clamam por um pouco de comida e por alguns goles de saúde. Crianças e jovens desdentados, sujos, magros, vendem balas, biscoitos e mariolas nas barcas e nos centros mais movimentados, aos berros e aos gritos, em troca de alguma coisa que lhes possibilite continuar a viver. Deficientes que são camelôs, agridem policiais porque desejavam continuar com suas cadeiras de rodas vendendo pentes e cintos para poderem continuar a sobreviver. É sempre a questão da vida!

Nunca a questão do aborto foi tão freqüente como em nossos dias. A vida humana está ameaçada em sua forma mais indefesa. As legislações pretendem legitimar essa prática. Os homens querem viver, mas matam inocentes que tinham sido

convocados à vida. As clínicas clandestinas "fabricam anjos"! Os métodos anticoncepcionais estão sendo aceitos de maneira mais ou menos indistinta, mesmo quando são abortivos! Em nome da "evolução", a ciência deteriora a qualidade de vida.

Talvez como nunca em outros períodos, hoje está sendo difícil captar o sentido da vida. De um lado notamos uma multidão de criaturas mais ou menos inseqüentes que não pensam no profundo sentido do existir. As conversas nas rodas de bar, nas filas de cabeleiros, nas noitadas que se repetem sem sentido, mostram que as pessoas vivem epidermicamente e querem sorver gole a gole as coisas banais que a vida lhes pode dar. Filosofias materialistas e hedonistas se multiplicam e animam a reflexão de tantos jovens e menos jovens. Os cristãos que saíram de movimentos de impacto de uma pastoral superficial não conseguem desvencilhar-se dessa superficialidade de viver.

Entre nós apareceu recentemente a tradução de um famoso texto de Dino Buzzati sob o título de "O Deserto dos Tártaros" (1). O autor, em magistral texto, fala do absurdo da vida. O jovem tenente Giovanni Drogo é destacado para o Forte Bastiani perdido no setentrião de onde se esperava a chegada do inimigo. Giovanni parte com todo o entusiasmo de jovem para longínquas paragens, desejoso de conquistar a glória de participar de uma guerra e de ser um herói. Nada acontece de extraordinário. A mo-

notonia da vida de um quartel quase perdido no deserto, cansava o jovem tenente que ao longo dos anos vai galgar outros postos, sempre na expectativa de que alguma coisa de importante venha a acontecer. Nada acontece. As esperanças são colocadas sempre para amanhã. Houve momentos em que teria sido possível uma transferência, mas o envolvimento emotivo fez com que Drogo permanecesse na repetição do ritual de limpar canhões e de ficar de plantão. Foi se desligando de seus amores, de sua família e de tudo que o cercava. Um solitário diante do deserto. Vai ficando velho e doente. No momento em que tudo indicava que a guerra ia eclodir, Drogo é obrigado a deixar o Forte Bastiani, para morrer no total ostracismo. Absurdo da vida, falta de capacidade de viver o momento presente, nada tendo feito de sua vida. Vivera de ilusões que nunca se tornaram realidade. Muitos leitores se identificaram com o jovem tenente Drogo que esperava alguma coisa da vida.

Sem pessimismo ou negativismo temos que reconhecer que nossa civilização está em ponto de decomposição. Adultos aceitam a destruição de valores sobre os quais repousa a saúde espiritual dos homens. As pessoas vivem mas não gostam de ser questionadas a respeito do sentido de suas ações. Não há clareza a respeito do sentido da vida. A solidariedade que poderia ser uma ponte entre destinos e vidas, é tida como utopia. Nunca foi tão atual o ditado: "Cada um por si e Deus por todos". Os meios de comunicação tornaram o plane-

ta uma pequena aldeia onde todos sabem dos mexericos do vizinho. E, apesar disto, notamos o fechamento das pessoas para com as pessoas. Essa falta de solidariedade se traduz na confecção de engenhos de destruição da vida dos homens, sofisticados, diabolicamente perversos e fatais.

As aparências e as "fachadas" parecem importantes, mesmo nesta época de crise econômica e financeira. Casamentos e festas que custam milhões, atentam contra a dignidade da vida que vai se estiolando em milhões de seres humanos. As contradições se multiplicam nesse campo da ostentação. Tem-se a impressão de que o amor se tornou impossível. A partilha virou utopia. Fica-se indignado quando cristãos que pertencem a movimentos que se dizem de liderança na Igreja, organizam festas em suas casas, com orquestra a domicílio! Perde-se o mínimo de pudor! Instaura-se o cinismo. O relacionamento entre as pessoas vai se tornando cada vez mais difícil, eivado de superficialidade e girando em torno de banalidades. A sexualidade se tornou um jogo de fruição, barato e mesquinho. A família é questionada. Em nome de um falso conceito de evolução dos tempos, lares desaparecerem e os cônjuges, em nome da realização pessoal e do aproveitar a vida, montam novas famílias.

Terminados os estudos ou chegada hora de abraçar a profissão, não se encontra trabalho. Engenheiros se tornam representantes de vendas e advogados se empregam como professores de judô ou caratê (2).

Estatísticas publicadas recentemente na imprensa dizem que a cada ano 400 mil adolescentes americanos tentam o suicídio. Entre cinco mil a dez mil acabam com a vida! Os que analisaram a questão estão divididos na detecção das causas. O aumento do consumo de drogas e de álcool têm constantemente coincido com o aumento dos suicídios de adolescentes. Outros acham que o fato se deve à depressão e à perda da auto-estima. Outros ainda atribuem o flagelo à quebra da família e às pressões da vida moderna que fazem com que os adolescentes não tenham perspectivas (3).

E a vida vai se estiolando. E o gosto de viver vai ficando difícil de se encontrar. Porque a pornografia vai matando a inocência de viver. Porque a violência contra a pessoa se institucionaliza. Porque as liberdades vitais não são respeitadas. A vida vai se tornando um deserto. Sem nada. Sem esperanças. Sem amanhã. É nesse deserto que precisa ecoar o anúncio da vida. Nesse deserto é preciso festejar a manifestação da vida.

3. O anúncio da vida

Quando chegou a plenitude dos tempos, quando a noite caminhava para seu ponto culminante, o Eterno tornou-se tempo, e a Vida explodiu na vida dos homens. Tiremos da festa do Natal tudo aquilo que é apenas confraternização emotiva e barata, e lhe demos sua dimensão mais profunda. Natal é uma Criança, é a Festa de uma Criança que veio mudar o curso da história

com sua chegada. Natal é a festa da Criança. Deus veio morar na vida dos homens, no rosto dessa Criança. Deus é um Deus conosco. Algo de novo aconteceu, e o autor do livro do Eclesiastes não tem mais razão em dizer que nada acontece de novo sob o sol. Alguma coisa de extraordinário: Deus montou e armou sua tenda entre nós para partilhar nossa vida. No seio transparente da Virgem Maria a Vida se aninhou e ganhou carne humana.

A vida dos homens deixou de ser banal porque foi partilhada por Deus. A partir da Encarnação do Verbo, a vida humana é próxima de Deus e é a própria vida de Deus humanado. Abaixando-se chegou até nós para levar-nos para as alturas. Chora nossas lágrimas e ri nossos cantares. Torna-se próximo de todos os homens e de todo o homem. Deus tem coração que pulsa, pulmões que arfam, estômago com fome e garganta com sede. Deus, enquanto Homem, sofre, tem esperança, ama, perdoa, sente solidão e morre. Em Jesus Cristo está revelada a humanidade de Deus e a divindade do homem. Estabelece-se um sagrado comércio entre o céu e a terra.

Os pastores dos campos de Belém captam a mensagem do céu e, na simplicidade de suas vidas, oferecem a homenagem de suas visitas. Compreenderam que só o amor de Deus pode realizar tais maravilhas. Num estábulo de uma gruta a Vida ganhou carne humana e pede o leite de sua mãe enquanto esta o aquece com paninhos quentes e

canta as cantigas da simplicidade e da felicidade. Os pequenos da terra sabem assim que seu destino humano, que sua vida humana não é banal porque Deus mesmo quis fazer essa mesma caminhada. As palavras são fracas para ressaltar o fantástico deste acontecimento: a grandeza de Deus se faz miséria humana. A miséria humana reencontra a glória de Deus.

O motivo da festa do Natal é celebrar a proximidade de Deus. Deus precisa de sua Mãe, do leite de seu peito, de seus joelhos. Deus precisa do pão da terra, da chuva do céu. Deus não está mais nas alturas. E assim o homem não está abandonado, porque Deus está presente no âmago de nossas quedas e vacilações. Todos os que aceitam esse despojamento de Deus que toma a condição de servo em seu nascimento na Noite de Natal, nascem para uma vida nova. Não nascem do desejo da carne, mas nascem de Deus. São criaturas novas e vivem para sempre uma novidade de vida. A Vida se manifestou em Cristo Jesus que nasce na Noite Santa do Natal.

Prorrompem cânticos de glória a Deus. Prorrompem cânticos de fraternidade e de acolhida da vida que vive nos irmãos. Há uma mensagem de paz aos homens de boa vontade espalhados na terra inteira. Natal quer dizer que a fraternidade é possível, que é possível a liberdade, que a partilha e a justiça podem pacificamente viver nesta terra dos homens. Há uma felicidade de se viver juntos porque Deus veio nos dar esse presente de sua Presença de vida.

4. Cristo, vida dos homens

O dom que Deus faz de si mesmo é a vida que nos dá em Cristo. Para Jesus a vida é mais importante que o alimento, e salvar uma vida vale mais do que respeitar a lei do sábado (Mc 3,4). Em todos os momentos Cristo procura mostrar que Deus não é um Deus dos mortos mas o Deus da vida. Em várias circunstâncias doentes foram levados até o Mestre e recuperaram a saúde, e mortos voltaram à vida. Todas as vezes em que Jesus está diante do pecado, leva os homens à conversão e ao perdão, e chama a isto de retorno à vida, de vida nova e plena. Jesus se apresenta como mensageiro e arauto da vida.

Jesus é a vida, e seu Reino, essa nova ordem de coisas que veio instaurar, é a glorificação da vida. Os homens são convidados a fazerem um cortejo e procurarem entrar nesse universo de vida, mesmo vendendo tudo, mesmo coxos, cegos ou perdendo uma certa vida menos digna. Ganha a vida quem a perde, e perde-a quem pensa ganhá-la.

Realmente o Verbo possuía a vida desde toda a eternidade (Jo 1,4). Esse Verbo Eterno encarnado é o Verbo da Vida (1Jo 1,1), dispõe da vida com toda propriedade (Jo 5,26), e a dá em superabundância (10,10). Veio para que os homens tivessem abundantemente a vida. Designa-se verdade, caminho e vida. João no episódio do cego de nascença, gosta de mostrar Jesus como luz da vida. O texto que descreve o diálogo de Jesus com a mulher de Samaria fala de uma vida

de Cristo. Esta vida é um dom de Deus. Os que beberem da água de sua vida não precisarão mais das águas terrenas, mas terão sua sede interior saciada. Na medida em que os homens e os cristãos da Igreja forem se aproximando da fonte de vida que é Cristo, se abeiram da vida. O lado aberto de Cristo no alto da cruz é fonte esplendorosa e inesgotável de vida/amor.

Quando se pensa em vida, pensa-se em vigor, em alimento, em pão. Por isso João gosta de colocar em realce a caracterização de Jesus como pão que veio dos céus. que veio para que todos fossem vitalizados, que veio para a vida do mundo. Quem comer deste pão não terá o mesmo destino dos judeus que comeram a maná e morreram. Há uma infusão ou transfusão de vida nova nos que se alimentarem da pessoa do Verbo Encarnado. Quem se alimentar deste Pão não morrerá. Viverá diferentemente e a morte já não tem mais domínio sobre ele.

Os homens que quiserem ser de Cristo, poderão se acercar intimamente dele, como os ramos estão ligados à videira (Jo 15,1-8).

Não há dúvida que não podemos falar de Jesus como fonte de vida sem ligarmos tudo à sua paixão, morte e ressurreição. O Bom Pastor, livremente, dá sua vida pelos seus. Depois de ter derramado seu sangue, retomou a vida para doá-la a todos os que nele crerem. A primitiva Igreja tinha como missão anunciar esta vida (At 5,20 (4)).

5. Anunciar e promover a vida

Os cristãos, assim, se sentem responsáveis por anunciar e promover todas as manifestações de vida. A Encarnação do Verbo, celebrada festivamente na quadra do Natal, compromete todos os que ouviram esta boa nova. O Deus da Vida veio viver nossa vida. Impressiona o despojamento de Deus no momento de sua passagem pela terra dos homens. A vida de Deus ganha formas de simplicidade e de pobreza. A vida de Deus entre nós esconde-se na fragilidade de uma criança que nasce na simplicidade, perdura na história simples e despojada de Jesus de Nazaré, ganha seu ponto culminante na humilhação e no despojamento da paixão e morte do Senhor. Tudo isso nos faz compreender que nas situações humanas mais calamitosas, nos rostos mais descarnados e nos horizontes de existência mais sombrios, há vestígios da vida de Deus que optou pelo que não tem brilho. Francisco de Assis compreendeu essa pujança de vida divina no pobre Jesus de Nazaré. Essa fragilidade da vida Francisco contemplava no presépio e na cruz. "Mais do que qualquer outra solenidade, Francisco celebrava o Natal com uma alegria inefável, dizendo que era a festa das festas, pois nesse dia Deus se fez menino e sugou o leite como todos os filhos dos homens" (5). "Um dia, no princípio de sua conversão, ele rezava na solidão e, arrebatado por seu fervor, estava totalmente absorto em Deus, e apareceu-lhe o Cristo Crucificado. Com esta visão sua alma se comoveu e a lembrança da Paixão de

Cristo penetrou nele tão profundamente que, a partir deste momento, era-lhe quase impossível reprimir o pranto e suspiros, quando começava a pensar no Crucificado" (6). A vida de Deus presente entre os homens na frágil homem Jesus de Nazaré!

Creemos, assim, que há um empenho de anunciar o sentido da vida humana a partir da Encarnação do Verbo. Nossas dores e nossas alegrias foram vividas por Deus feito homem. Tudo ganha sentido. Passamos a compreender que o homem é importante e que a vida humana é um tesouro, mesmo se estiver escondida nas formas mais rudimentares do viver dos pobres e dos miseráveis. Todos aqueles que atentam contra essas mais fráguas manifestações vitais, atentam contra os desígnios divinos de amor à vida e de exaltação da vida. Os cristãos vão aos poucos morrendo para si mesmos, abandonando sua maneira egoísta de viver e de ver as coisas. Vão ingressando num universo de um jogo de amor/vida que foi vivido exemplarmente por Jesus de Nazaré. A vida vai ganhando sentido na medida em que o homem for dando sua vida ao outro. O amor gera a vida. Os cristãos participam misteriosa e realmente da vida nova que lhes veio trazer Cristo Jesus, de forma que podem afirmar, com São Paulo, que para eles viver é Cristo. A grande tarefa da Igreja é anunciar a pujança da vida que nos trouxe Cristo Jesus. Se a existência parece um absurdo é porque não se houve mais a mensagem de solidariedade vital proclamada pelo Evangelho. Se tudo

tem um sabor de imediatez, e se todos parecem sentir necessidade de degustar pequenos goles de vida sem força, é porque não são mais permeáveis à vida anunciada, vivida e doada aos homens por Cristo Jesus, Verbo da Vida. Em nome da Encarnação de Deus urge que façamos um empenho de defesa e promoção da vida.

Conclusão

Podemos enviar nossos cartões de festas de Natal. Expressimos com eles nossa alegria pela chegada da vida. Podemos iluminar nossas árvores de Natal porque a luz da vida veio de longe até nós. Podemos nos reunir em torno de uma ceia de irmãos para exprimir nossa fraternidade. Podemos e devemos promover todas as modalidades de

confraternizações natalinas na medida em que sejam celebrações de toda uma vida em prol da vida, de uma série de providências para que os homens vivam e vivam em plenitude. Podemos assim vibrar com Francisco de Assis que pede que neste dia as paredes saibam que é Natal e que nelas esfreguemos carne, como se elas estivessem fazendo parte do banquete de festa. Neste dia também queria Francisco que os animais tivessem ração melhorada para saberem que é a festa da chegada da vida. Os defensores do aborto, os partidários da vida em superficialidade, os amantes da destruição da vida mais profunda, os que estão alheios aos apelos de vida vindos de Cristo Jesus não podem celebrar o Natal da vida de Jesus de Nazaré.

NOTAS

(1) **Dino Buzzatti**, O Deserto dos Tártaros, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984. (2) Cf. incisivo texto de **Paul-Eugène Charbonneau** publicado na "Folha de São Paulo" 12.06.84, p. 3

sob o título de "Juventude e Violência". (3) Cf. **Sônia Nolasco-Ferreira**, Aumento de suicídios de jovens alarma os EUA, em "O Globo", 06.08.84, Segundo Caderno, p. 1. (4) Cf. verbete **Vida**, no Vocabulário de Teologia Bíblica, colunas 1068-1072, Editora Vozes, Petrópolis. (5) **Il Celano**, 84. (6) **S. Boaventura** I, 5.

Corrigenda

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS AUXILIARES DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Página 458 — Convergência, nº 176 — outubro/84
Data da Fundação: Em lugar de: 28 de agosto de 1982

Leia-se: **28 de agosto de 1892**

A Congregação está com 92 anos de existência.

A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS COMO VITÓRIA DA VIDA

Deus não é alguém distante e fixado num céu inatingível. O Deus que libertou Israel da experiência mortal da escravidão do Egito e que é cantado como Criador é a fonte da vida e de tudo o que a produz.

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Rio de Janeiro, RJ

Durante muitos séculos se considerou o Cristianismo com a religião da morte e não da vida. As promessas e esperanças com as quais acenava a fé cristã pareciam ter seu lugar e sua hora do lado de lá da passagem da morte, quando a vida terrestre do homem, enfim deixada para trás, já pertencia a um passado de lutas e sofrimentos, felizmente superados. Deus parecia não ter muito a dizer sobre a vida presente, a não ser em termos morais, com proibições ou permissões sobre o que fazer para, depois da morte, desfrutar de um merecido prêmio ou padecer um castigo eterno.

Ora, a proposta cristã é, justamente, uma proposta de **vida** que, se bem voltada para um horizonte escatológico, para além dos limites deste mundo, não pretende outro lugar de concretização senão a vida cotidiana do homem, com suas exaltantes possibilidades e suas doloro-

sas diminuições. E Deus, longe de ser Alguém que arranque o homem para fora do campo desta pobre terra, se envolve, se revela e se encontra no seio e na trama da própria vida.

A vida é, portanto, a nota mais característica do Cristianismo e do Deus que ele invoca. E é também e por conseguinte, o que distingue o único Deus verdadeiro dos falsos deuses, ídolos mudos, mortos, sem alma. O que caracteriza o verdadeiro Deus é exatamente o fato dele ser um Deus vivo e que dá vida.

A teologia latino-americana, durante seus primeiros anos de existência, enfeixou sua reflexão e seus objetivos em torno do termo **libertação**, entendendo-o como a possibilidade de passagem do homem do continente, pobre e oprimido, do cativo da injustiça à liberdade de ser agente de seu próprio destino e ter acesso aos frutos da terra e aos bens. Hoje, a Teologia da

libertação se apresenta como Teologia da vida. O fato de haver milhões explorados e empobrecidos por culpa de uns poucos numa terra que Deus destinou a todos, é uma questão profundamente vital. Viver a fé é crer na vida e tornar essa vida acessível a todos esses a quem é vedado o acesso aos bens dessa terra dada a todos. Fazer uma teologia da vida é procurar, pela reflexão sistemática, captar e transmitir o nexos existente entre essa experiência e o Deus da fé cristã.

O Deus trinitário que a fé cristã invoca — Pai, Filho e Espírito Santo — só pode ser experimentado como fonte e possibilidade de vida. E isso implica em que a fé deve estar em constante e purificadora luta contra todas as falsas divindades que, dizendo-se verdadeiras, instauram a morte no meio do mundo.

“Diante de ti... a vida e a morte...” (Dt 30,15)

A primeira realidade que o homem bíblico experimenta e apalpa é a de que Deus é um Deus vivo e que dá vida (1). Deus não é alguém distante e intocável, fixado num céu inatingível. Não é, tampouco, alguém que possa ser “inventado”, produzido ou manipulado pelo próprio homem. O Deus que libertou Israel da experiência mortal da escravidão do Egito (Êxodo), e que depois é visto e cantado como Criador do Universo (Gênesis), é a fonte da vida e de tudo que a produz. Os outros povos, vizinhos de Israel,

porém, adoram outros deuses, e muitas vezes a tentação de acreditar nestas falsas divindades penetra no meio do povo eleito.

É assim que, no AT, aparece muitas vezes a alternativa de haver um único Deus vivo e que dá vida, e outras divindades que não têm vida, são mortas, nada são (2). Esta noção está muito presente na tradição bíblica, não só nos Livros Sapienciais (cf. Sl 81, 10; 1 Cr 16,26) como também nos Profetas (cf. os livros de Oséias, Miquéias, Ezequiel, etc.).

A opção do homem por essas falsas divindades não é apenas teórica. Trata-se de algo concreto, com implicações muito reais. A idolatria se traduz, de fato e historicamente, por uma atitude de duplo aspecto: — a soberba de colocar-se como princípio e fundamento da existência, começo e gênese da realidade, com poder sobre a vida e a morte dos outros. Na idolatria que anda de par com a injustiça, a prática do poder redutor sobre a vida dos outros coincide com a adoração de divindades em cuja invocação se dá a morte.

A insensatez de encarar o religioso e o divino como algo acrescentado à vida, e não a ela indissoluvelmente vinculado e nela profundamente implicado. Assim vive o homem uma relação com Deus fora da vida e vai, pouco a pouco, perdendo o rastro do sentido, desumanizando-se e fazendo uma opção pela morte.

Torna-se o homem, assim, um **assassino** e um **suicida**, agressor e

destrutor da vida, sua e de seus semelhantes.

A idolatria — a adoração de deuses falsos e mortos — “não é, então, apenas um erro noético, mas também uma opção pela morte, com frutos de morte” (3). Assim como a adoração e o culto ao verdadeiro Deus se dá na correlação primigênia entre esse Deus e a vida, e os frutos gerados nesse processo vital. Não é somente uma questão acadêmica, portanto, a que levantamos aqui: a do Deus da vida. É questão de vida ou morte. Questão em que está implicado o viver e o morrer de milhares de seres humanos. Do Deus que fôr adorado e invocado dependerá o fato de um homem ou um povo ser agente de vida ou de morte, salvador, homicida ou suicida (4). E vice-versa: da práxis — de vida ou morte — que esse homem ou esse povo realizar, dependerá a possibilidade de identificar o Deus que ele adora e invoca.

Na América Latina, continente onde a morte realiza, secular e diariamente, seu trabalho predatório, sob os diversos aspectos da fome, doença, exploração, opressão, é possível detectar onde estão os deuses produzidos pela invenção diabólica do pecado, pessoal ou institucionalizado, — que servem de suporte a toda essa realidade mortal. Dentro do campo religioso, ou em versões ideológicas secularizadas, essas divindades são constantemente invocadas para legitimar o processo destruidor onde o homem dá morte a si e aos seus irmãos, espoliando-os, privando-os de seus direitos, impedindo-lhes o acesso aos frutos da terra criada por Deus para todos (5).

A problemática do homem bíblico continua a colocar-se hoje, aqui e agora, em termos de uma única alternativa:

— ou invocar uma ou mais divindades em cujo nome se dá morte ao homem, e tornar-se assassino ou suicida;

— ou crer e invocar o Deus vivo e verdadeiro, que é fonte de vida; salvação dessa vida quando as forças da morte a ameaçam; e fogo que a re-acende e re-alimenta constantemente na história e nos corações. E, em nome dessa crença e dessa invocação, tornar-se, por sua vez, agente de vida.

O Deus do Cristianismo é esse Deus da vida. E, mais que isso, é um Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Um Deus de pluralidade e alteridade, que carrega a fecundidade no coração de seu mistério, que se revela e se deixa conhecer a partir da relação (6). Em suas três pessoas, o Deus trinitário é o constante autor de um processo infindável e inesgotável de vida ao qual o homem é amorosamente chamado a participar. Procuraremos ver em seguida como esse Deus Pai, Filho e Espírito, se manifesta como vida em contraposição a tudo que no mundo é morte ou redução de vida.

Deus: O Pai de entranhas maternas

A designação de Deus como Pai já remete, de maneira direta, ao mistério da vida. Princípio gerador e origem, do qual tudo provém, o

Pai Criador, autor de toda forma de vida existente no universo, é concebido, designado e venerado na tradição bíblica como o todo-poderoso e senhor de todas as coisas.

No AT, a revelação de Deus como Pai já está presente, embora de maneira velada e discreta, mais especificamente em relação estreita com seu ato de eleição em favor de Israel (cf. Dt 32,6). Deus é o Pai de Israel, a quem livrou do Egito, das garras da escravidão e da morte, e libertou para a vida; não ainda o Pai de todos os homens. Vizinhos dos povos pagãos, que carregam seus deuses com todas as conotações sexuais de fertilidade e fecundidade, os israelitas são extremamente escrupulosos ao chamar Deus de Pai. No entanto o título de Pai chega a ser aplicado a Deus em Israel quando a antiga representação dos patriarcas ou "pais da raça" vai sendo substituída pela teologia da realeza e pela piedade universalista e individualista da literatura sapiencial (7). Assim, Deus aparece não só como Pai criador, que engendra e dá vida, mas também o Pai que orienta e cuida da vida, que sofre com a ingratidão do filho, que corrige desvios e ensina, mesmo com punições (Dt 8,2.5-6; Os 11,1-3). Israel chega, assim, à concepção de Deus como um pai que estende sua paternidade não só coletivamente em relação ao povo, mas a cada homem em particular, desde que esse homem assuma a parte que lhe cabe de paternidade em relação aos órfãos, aos deserdados da terra, aos desprovidos de proteção, àqueles cuja vida é mais frágil e ameaçada.

O belo texto poético do Livro do Eclesiástico transmite bem essa noção:

"Sê para os órfãos como um pai e como um marido para suas mães. E serás como um filho do Altíssimo, ele, mais do que tua mãe, te amará" (Eclo 4,10).

Esse amor paterno de Deus é, no entanto, experimentado pelo homem bíblico não só como um amor exclusivamente ativo, de autoridade e determinação, mas também, e muito, como um amor apaixonado, dedicado, terno e carinhoso, que toma o filho nos braços e lhe dá de comer (cf. Os 11, 1ss), que nunca se esquece do filho que gerou (cf. Is 49, 14-16), que ama como mãe, "mais que uma mãe" (Eclo 4,10), preferencialmente aos filhos mais pobres, desvalidos e infelizes. A mãe assim entendida como o paradigma máximo de amor gratuito, generoso, que tudo dá, tudo espera, tudo suporta, tudo perdoa, completa e enriquece a experiência que Israel faz em relação ao seu Deus.

No NT, embora se mantenha e se confirme a noção do Pai Criador, o ponto de vista a partir do qual Deus se revela como Pai é o Filho. É a partir daí que se compreende a criação do mundo. Deus é Pai porque gerou Jesus Cristo, o Filho Unigênito, "por quem foram feitas todas as coisas"... (Col 1,16), "Primogênito de muitos irmãos e irmãs..." (Rom 8,29; Col 1,15). Trata-se da relação de origem da vida e do amor, a partir da qual se podem compreender todas as formas verdadeiras de vida, e crer no mistério que as vela e re-vela. En-

volvido apaixonadamente com o Filho de seu amor, o Pai toma parte em seu destino, se alegra quando ele se alegra (cf. Mt 3,17; 11, 25-27), e sofre quando ele sofre.

“A procedência do Filho em relação ao Pai deve ser interpretada como “geração” e como “parturição” (8). Deus não é apenas um pai que engendra, mas é também aquele que tem entranhas capazes de se abrirem para dar à luz; um Pai materno. E isso implica em que seja não apenas um ser que faz, que cria, que determina, mas também alguém que vive a passibilidade, o “pathos” do amor que se entrega, espera e sofre pelo que ama (9).

Na Paixão do Filho, onde todos os verbos passam a ser conjugados na forma passiva, quando Jesus é entregue, é abandonado, é preso, é traído, é negado, é ultrajado, esarnecido, torturado, crucificado e morto, o Pai, poder tornado impotente pelo amor, não descarrega sua cólera justiceira sobre a humanidade assassina, possuída pelas divindades da morte, mas se entrega com o Filho, sofrendo, em suas entranhas de misericórdia, a paixão de seu amor. E assim liberta para a vida. A dor infinita do Pai na paixão do Filho que morre só e abandonado, “fora da porta” (cf. Heb 13,12), é condição para que nenhum homem esteja doravante excluído, “fora” do acesso à vida em plenitude.

Diante do assassinato da vida que se manifestou em plenitude (1 Jo 1,2) — o Filho Unigênito —, diante da tentativa de aniquilamento da proposta do Reino de vida e

liberdade, a resposta do Pai de entranhas maternas, que gera e dá à luz desde toda a eternidade, não é a vingança e a ira, mas o sofrimento e a com-paixão, o deixar-se atingir mortalmente, para que a vida re-apareça, com mais força e sem ameaças, sobre a criação redimida — ressuscitada.

Deus: o Filho que veio para que todos tenham vida

No mistério pascal — “passagem”, trânsito, entrega mortal do Filho nas mãos dos homens, que desemboca no triunfo da ressurreição —, se explicita a alternativa por nós colocada no princípio: os deuses da morte matam Jesus e o Deus da vida o ressuscita, devolvendo-o a uma vida plena, que não morre (10).

Esse referendar da fé e da práxis de Jesus por parte do Deus da vida, nos remete à existência histórica de Jesus de Nazaré, tal como nos é permitido conhecê-la através dos Evangelhos. O que, para Jesus, é vida? E como essa vida está indissoluvelmente vinculada, em suas palavras e em seus atos, à sua experiência de Deus? Como, para Jesus de Nazaré, o mistério de Deus é vivido como um mistério de vida, de tal modo que falar desse mistério significa “falar em Deus como aquele que faz com que a vida seja realmente algo último e não provisório” (11)? E como, também, isso implica um conflito entre a fé nesse Deus e as falsas divindades que a Ele se contrapõem, dando morte ao homem?

Para Jesus, a vida é algo dado, recebido das mãos de outro. E esse outro é experimentado como Pai amoroso e providente (cf. Lc 11,1ss), misericordioso e compassivo, “que faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Compreendida e acolhida como **dom** gratuito, essa vida é também, para Jesus, tarefa a ser cumprida. Sendo, em sua origem, **aquilo que é dado**, a vida é, também, por consequência, **aquilo que deve dar-se**. Dar vida é a palavra de ordem, para Jesus (cf. Jo 10,10). Dar vida sob todas as formas, de todas as maneiras; fazê-la brotar em todos os lugares onde ela se encontra ameaçada, sufocada, extinta. Até que esse dar vida chegue a ser, em última análise, dar a própria vida, perdê-la para que outros a tenham, a encontrem e a ganhem. Assim se auto-compreende Ele, sua vinda, seu envio do seio do Pai e sua missão.

Um texto bastante iluminador sobre essa práxis de Jesus é o discurso programático da sinagoga de Nazaré: Lc 4,16-21 (12). Aí estão, condensados no texto de Isaías e postos pelo evangelista no contexto da primeira aparição pública de Jesus em sua terra, em Nazaré, os objetivos básicos da missão do Messias. Se atentarmos bem para estas finalidades, veremos que estão todas intimamente relacionadas com a vida. Ou seja, a essência do projeto do Reino que Jesus vem anunciar e viver no meio dos homens, é a vida. A vida oferecida e possibilitada àqueles que dela estão privados: os pobres, os presos, os cegos, os oprimidos.

Quem priva os homens de todas estas formas de vida são as divindades da morte, em cujo nome se oprime, se prende, se explora, se mata. A opção do Verbo Encarnado em favor da vida é, pois, ao mesmo tempo, uma declaração formal de luta contra essas divindades. Com a presença de Jesus, as divindades da morte — que em sua época assumiam sobretudo, entre outras, a forma da teocracia judaica, com o pesado jugo religioso que colocava sobre os ombros do povo (cf. Mt 23,4; Lc 11,46), e a da Pax Romana com sua ocupação militar usurpadora sobre uma terra e um povo estrangeiros e indefesos (13) —, se sentem inseguras e reagem contra-atacando.

O desfecho dessa luta é conhecido. A vida, quando ameaçada mortalmente, não pode responder matando. Se assim o fizesse, estaria negando-se a si mesma em sua essência. Como não mata nem pode matar, a vida entrega-se e é morta. As falsas divindades fazem dela o que bem querem. Os relatos da Paixão nos quatro Evangelhos mostram claramente essa trajetória de Jesus para a morte, quando toda a sua potencialidade ativa vai sendo reduzida e imobilizada, até o despojamento final da Cruz (cf. Mt 26-27 e pars; Jo 18-19). Na Paixão de Jesus, a morte faz da vida o que quer, porque a vida se entrega até o fim (cf. Jo 13,1; Lc 23,25).

A última palavra, no entanto, não pertence às divindades da morte. O Deus da vida manifesta-se definitivamente sobre a vida e a práxis de Jesus, ressuscitando-o dentre os mortos e exaltando-o à sua

direita. É possível, desde então, exclamar com Paulo: "Onde está, ó morte, a tua vitória?" (1 Cor 15,55). Em Jesus Cristo, Filho de Deus, o amor foi mais forte que o ódio, a vida mais forte que a morte. E a consequência final do assassinato do Verbo Encarnado não é o emudecimento de Deus, mas o dom do Espírito de Vida, derramado nos corações (Rm 5,5).

Deus: o Espírito que é a vida do mundo

Após a volta do Filho à direita do Pai, de onde saiu livremente na Encarnação, a presença do Deus da vida no mundo e entre os homens se dá mediante o Espírito. De acordo com os Evangelhos Sinóticos, antes da Ressurreição, a atividade do Espírito estava aparentemente confinada exclusivamente a Jesus, que pregava e atuava no Espírito. Após a ressurreição, na glorificação do Filho, na sua vitória sobre as potências da morte, o Espírito é, então, dado e transferido aos discípulos.

O Espírito que é dado aos cristãos é, portanto, o Espírito do Ressuscitado que venceu a morte, e do Pai de amor, Deus da vida, que criou todas as coisas no Filho, e, ao chegar a hora, ressuscitou-o dentre os mortos. É um Espírito de vida e não de morte. Espírito que faz emergir no homem todas as suas potencialidades criativas, inovadoras, renovadoras — humanas, enfim. Espírito que, realizando a obra do Pai, que é reconciliar toda a humanidade consigo em Jesus Cristo, realiza também a restauração plena do homem — enquanto indivíduo e

enquanto humanidade, diversa e múltipla. Pois, conduzir o homem cada vez mais à semelhança com o Filho é, ao mesmo tempo que levá-lo de volta ao Pai, torná-lo cada vez mais homem, mais reconciliado com sua condição humana, único caminho que pode servir-lhe de acesso ao verdadeiro Deus.

O caminho para o Pai que é origem de toda vida, de cujas entranhas saímos, e para o Filho, que é a vida que se manifestou em plenitude, é um só: o caminho que o Espírito traça no mundo por sua ação na história (14). Caminho de defesa, proteção, re-descoberta e recriação da vida. "A obra do Espírito é a vida do homem" (15).

O critério fundamental para discernir se um movimento, uma ação ou um caminho são do Espírito Santo, é Jesus Cristo. Tudo que leva a Jesus, à semelhança com Ele, a uma práxis como a sua, em suma — tudo que nos tira do túmulo de nós mesmos e nos coloca a serviço da vida do mundo e dos outros, é do Espírito. No entanto, pode-se dizer também que, para se chegar a um seguimento real de Jesus Cristo, não há outro caminho senão o Espírito. E seguir o caminho que o Espírito traça é, de saída, perder a segurança de uma via previamente estabelecida. Pois o Espírito, a cada instante, faz irromper o novo na história, e o sinal pelo qual se pode reconhecê-lo é a vida que surge e se impõe em suas mais variadas formas.

Uma das características fundamentais da presença do Espírito é o movimento. É sacudir a inércia que as divindades da morte querem impor ao homem para reduzi-lo à

passividade, à não-consciência sobre si mesmo, e fazê-lo assumir-se como agente da história e criador de vida. Assim foi em Pentecostes (At 2,1ss) e em toda a caminhada da primeira Igreja, quando a Palavra tinha que enfrentar grandes vicissitudes na sua trajetória ao encontro dos gentios (cf. todo o livro dos Atos e as epístolas de Paulo). Onde há vida, há movimento, há ação. A vida que o Espírito suscita é superação da paralisia e do marasmo da morte, como aconteceu em Jesus Cristo. E isso, o Espírito não o faz substituindo-se à ação do homem. Mas inspirando e assumindo essas mesmas ações nos homens nos quais habita. A inabitação do Espírito no homem é a condição de que sua atuação, enquanto homem, seja de vida e não de morte.

O Espírito também é inovador e criativo. Não se repete, pois só age em homens situados em tempos e contextos sempre outros, sempre novos, que requerem respostas e atitudes adequadas e irrepetíveis. Assim, é possível perceber hoje, no continente latino-americano, o movimento do Espírito que aponta para o pobre como o lugar por excelência da manifestação do Deus da vida. Na periferia do mundo, nas massas anônimas e esmagadas pelo sofrimento e a opressão que as divindades da morte lhes impõem, mais uma vez Deus escolhe o que é fraco para confundir o poder e a força (cf. 1 Cor 1,27). Suscitando na Igreja do continente, em várias de suas instâncias, desde a hierarquia reunida em Puebla, passando pelos teólogos, religiosos, sacerdotes, agentes de pastoral, a opção

preferencial pelos pobres como linha mestra de ação; permitindo reconhecer inclusive nas atitudes e ações de homens não cristãos em favor dos pobres sua presença de vida — o Espírito indica, com firmeza e constância, qual é, para nós hoje, aqui e agora, o caminho que conduz a Jesus, ao Pai, ao Deus da vida.

Esse caminho nem sempre é de meridiana clareza. Por ser humano e encarnado, participa das ambigüidades e polivalências inerentes à vida e à história humanas. Tampouco é seguro. Pelo contrário, é bastante perigoso, pois as divindades da morte não dormem nem se distraem em sua desesperada tentativa de sufocar a vida frágil, que teima em nascer (16). E o fazem invocando a ordem, a segurança, a tradição — em suma, a manutenção do “velho” e a desconfiança em relação ao novo. É por isso que, àqueles embarcados pelo Espírito na fascinante aventura da vida em plenitude, mais forte que a morte, é dado o dom do discernimento que percebe os sinais dos tempos, avalia as possibilidades reais de cada situação histórica e sente, na oração, para onde pende a vontade e o desejo do Deus da vida.

Conclusão:

Deus é amor (1 Jo 4,16)

A cada circunstância espaço-temporal corresponde uma atitude e uma ação nova — única e irrepetível — que dará um sentido de vida a esta circunstância. A capacidade de ser um **assassino** ou um **suicida**, um predador e violador do direito

à vida, está presente em todo homem, senão concretizada, ao menos como tendência, latente e em potencial. Criado por Deus real e totalmente livre, o homem é capaz, se assim o quiser, de deixar-se tomar e possuir pelo pecado que faz violência sobre o direito humano mais fundamental, o direito à vida.

As falsas divindades — mortas e que dão morte — camuflam e encobrem essas tendências inerentes a todo homem, chamando-as por outros nomes, distorcendo-lhes o sentido real, mascarando seus propósitos funestos, legitimando-as para servir seus interesses espúrios. O Deus da vida, Espírito que habita no homem, é a fonte do discernimento que permite re-ver essas tendências com os olhos da verdade, revelando onde está e por onde passa a vida, e qual é a práxis que a faz acontecer.

No caso de Jesus, a tomada de posição por excelência foi — paradoxalmente — o martírio. Morrer de morte matada, da qual não escolheu as circunstâncias nem a forma, para ser fiel à vida e ao Deus que é seu autor. Os frutos dessa morte foram a vida definitiva conquistada para todos os homens e, para os discípulos antes covardes e amedrontados, a paz e a alegria que o mundo não pode tirar (cf. Jo 16,22ss).

Para o discípulo de Jesus Cristo que, na América Latina de hoje, se compromete com a defesa e a criação de vida para seus irmãos mais pobres e oprimidos, a perseguição sob as suas mais variadas formas, até o martírio como ato mais completo e vital de testemunho, em cir-

cunstâncias não previstas nem escolhidas, podem ser — e têm sido muitas vezes — o caminho único possível para ser fiel ao Deus da vida. E os frutos aí estão: a Igreja dos pobres que emerge em meio a lutas e dificuldades, as CEBs que florescem apesar das dores, os pequenos e os sem-defesa lutando pela liberdade e vivendo, na paz e na alegria, a fé na ressurreição que lhes foi e é possibilitada pelo sacrifício de tantos mortos em nome e por imposição das falsas divindades mas que, pelo poder indestrutível do Deus da vida, continuam presentes e vivos, animando a caminhada do povo (17).

É por tudo isso que os primeiros teólogos do Cristianismo exclamam, ao tentar dizer quem é Deus: “Deus é amor” (cf. 1 Jo 4,8.16). E acrescentam que uma resposta a esse Deus só pode ser uma resposta de amor, que se traduz numa práxis concreta de amor (1 Jo 4,11; Jo 13,34; 15, 12.17; Gal 5,14; Rom 13,8s). Pois o amor é a única fonte da qual pode brotar a vida.

Por isso, porque é amor, Deus engendra e dá à luz, desde sua eternidade, a um parceiro à sua imagem e semelhança, com quem contrai uma aliança de fidelidade e compromisso. E, ao mesmo tempo em que é Pai que cria, vibra, nas suas entranhas maternas, alegre ou dolorosamente, com tudo que atinge os filhos que são fruto de sua criação. Por isso, porque é amor, o Deus da vida sai ao encontro dos homens no Filho que toma carne e forma humanas, e se faz obediente até à morte ao seu projeto de dar

vida, e vida em plenitude. Por isso, porque é amor, o Deus da vida vem habitar no homem enquanto Espírito. Expondo-se a ser sufocado, esquecido, contristado (cf. Ef 4,30) e até extinto, o Espírito Santo, que foi derramado sobre o mundo e nos corações, permanece fazendo acontecer a vida, mesmo onde as divindades da morte realizam seu sinistro e destruidor trabalho.

NOTAS

(1) cf. GUTIÉRREZ, G — "El Dios de la vida", in **PAGINAS**, separata nº 40, setiembre 1981. (2) SOBRINO, J — "A luta dos deuses", Ed. Paulinas, SP, 1982, pg. 94. (3) *ibid.* pg. 95. (4) cf. a passagem onde Jesus dá ao demônio o nome de homicida — Jo 8,44. (5) Transcrevemos aqui a passagem extremamente ilustrativa sobre esta problemática, de Jon Sobrino, in "**Ressurrección de la verdadera Iglesia**", Ed. Sal Terrae, Santander, 1981, pg. 164: "A conversão, como experiência teo-lógica, não é somente a volta a Deus em presença do ateísmo, senão em presença da idolatria. A experiência da Igreja dos pobres não é só que os homens invoquem a diversas divindades, das quais uma será verdadeira e as outras falsas, ou que não invoquem em absoluto nenhuma divindade. Não se trata de divergências noéticas ao invocar ou não invocar as divindades. Trata-se, isso sim, da alternativa de que em nome de umas divindades, explicitadas religiosamente ou em versões secularizadas como a "democracia", a "propriedade privada", "a segurança nacional", se dá morte aos homens, se os desumaniza e depaupera, e em nome de outra divindade se lhes dá vida, ou ao menos se luta por ela." (6) Apesar de não nos estendermos aqui sobre este assunto para não carregar excessivamente o corpo do texto, queremos ressaltar que, hoje, toda a moderna teologia da Trindade é pensada a partir da relação. Relação de Deus com os homens (Trindade Econômica),

Em todo lugar onde acontece o amor, com seus frutos de vida e fecundidade; em todo lugar onde a riqueza, o poder e a soberba são vencidos pela solidariedade, a liberdade e a verdade, é lícito ao homem invocar Aquele que é a fonte de onde tudo isto provém. É legítimo pronunciar, com tremor e alegria, seu nome de Pai, de Filho e de Espírito Santo.

e relações das pessoas divinas entre si (Trindade Imanente). Citamos aqui algumas das principais obras recentemente publicadas sobre o tema da Trindade: MOLTSMANN, J — "**The Trinity and the kingdom of God**", Ed. SCM Press, London, 1981; JÜNGEL, E — "**Dieu comme mystère du monde**", 2 vols., Ed. Du Cerf, Paris, 1982. (7) cf. meu artigo "A obra do Pai: a Criação" in **Liturgia e Vida** 182 maio-junho de 1984, pp. 18-39. (8) MOLTSMANN, J — "O pai maternal" in **Concilium** 163 — 1981/3, pg. 63. (9) cf. MOLTSMANN, J — "**El Dios Crucificado**", Ed. Sígueme, Salamanca, 1975. (10) SOBRINO, J — *op. cit.* pg. 131. (11) *ibid.* pg. 132. (12) Sobre esta perícopé, ver o excelente estudo de Etienne Samain: "O discurso programático de Nazaré — manifesto da Teologia da Libertação", in **REB** vol. 37, fasc. 145, março de 1977, pp. 84-86. (13) v. capítulo de Jon Sobrino, abundantemente citado por nós neste trabalho: "O Deus da vida em Jesus de Nazaré" in "**A luta dos deuses**", Ed. Paulinas, SP, 1982, pp. 93-142. (14) COMBLIN, J — "**O tempo da ação**", Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, pg. 16. (15) *ibid.*, pg. 35. (16) cf. o recente livro de Carlos Mesters — "**Flor sem Defesa**", Ed. Vozes, Petrópolis, 1983. (17) Referimo-nos aqui aos muitos milhares de mártires que já povoam a história da fé latino-americana, anônimos na sua grande maioria. Porém de alguns podemos citar os nomes, pois a história de sua vida e do derramamento de seu sangue chegou até nós: Rutilio Grande, João Bosco Penido Burnier, e Mons. Oscar Romero.

A ANIMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

**Grupo de Reflexão sobre Educação
CRB Nacional**

No nº 176 de **CONVERGÊNCIA**, com o artigo "O aprendizado de uma caminhada", tentamos apresentar, de maneira global, a situação dos Religiosos Educadores, com os problemas que enfrentam, conforme pudemos analisar, durante os seis anos de trabalho do Grupo de Reflexão sobre a Educação (GRE Nacional), desde sua criação, pela CRB, em 1977.

Com a preocupação de criar com os Superiores das Congregações e das Províncias e com as Regionais da CRB as condições mínimas necessárias para animar a vida religiosa dos Religiosos que trabalham no campo da educação, o GRE Nacional realizou vários Seminários, com abordagem de temas sugeridos pelas Regionais. Em todos eles, a grande constante, reconhecida como a maior causa da crise de identidade do Religioso Educador, foi a falta de animação, seja em nível de Províncias e Comunidades, seja em nível dos próprios organismos encarregados de animar e renovar a vida religiosa, sobretudo a dos que têm como missão evangelizar no

campo da educação. Este aspecto foi evidente no Seminário sobre a Animação do Setor da Educação Formal, do qual participaram 195 Religiosos, vindos de 93 Províncias de 64 Congregações (1982).

E a pergunta fundamental é esta: qual a animação exigida por uma vida religiosa que se alimenta de uma teologia que se renovou e que se insere numa sociedade em mudanças? Qual a verdadeira missão do Religioso Educador numa sociedade onde a maioria da população carece de tudo? A crise do Religioso dedicado ao campo da educação levou consigo a crise da Instituição Educacional que, por sua vez, exigiu que as Congregações abrissem os horizontes das mediações de sua missão.

Surgiram, então, novas mediações para viver a vida religiosa: inserção, educação popular, etc. Muitos Religiosos recusaram a Instituição Escolar, não por ser instituição, mas por estar a serviço de uma minoria privilegiada da sociedade ou por veicular uma educação fracassada.

Como animar o novo que vem surgindo? Tanto os novos campos de educação não formal como as antigas instituições de educação formal exigem novo estilo de animação, como também devem ser novas as estruturas da vida religiosa. A seguir, vêm algumas idéias sobre a animação e o modo de promover e coordenar a Vida Religiosa dedicada à educação, que é o setor que nos está confiado, como membros do GRE Nacional, pelo mandato que recebemos, de assessorar a CRB, em união com a AEC do Brasil e CNBB, no sentido de "ajudar os Religiosos que se dedicam ao campo da educação a reencontrarem o sentido de sua vocação e de suas obras como educadores da Fé" (1).

Fica descartada a pretensão de algo exaustivo sobre o tema da animação. Nosso enfoque é simples, operativo, de nível didático, na pers-

pectiva de uma pastoral de animação da vida religiosa que pretende cumprir sua missão evangelizadora no campo da educação. Nosso grupo é de educadores, convencidos de que a vida religiosa tem o que dizer no setor educacional, onde se situam, em grande parte, os Religiosos do Brasil.

Não pretendemos, portanto, nesta reflexão, falar sobre todos os aspectos da autoridade na vida religiosa, nem tampouco dos diversos estilos de governo e do binômio autoridade-obediência. Tudo isso foi abordado na XIII AGO da CRB, em 1983, e está sendo tratado em muitos artigos e livros lançados pela CRB (2). Vamos ater-nos mais à **animação do projeto educativo-evangelizador a partir do projeto de vida religiosa hoje**. E abordaremos dois grandes núcleos. A animação e o projeto de vida religiosa no campo da educação.

I — UMA ANIMAÇÃO QUE VAI ALÉM DA SIMPLES ADMINISTRAÇÃO

Toda Comunidade, e extensivamente toda Província, Congregação ou Organismo de Igreja, como a CRB, AEC, CNBB, e mesmo qualquer instituição tem mecanismos organizativos e estruturas, que atuam à maneira de corpo, e objetivos e fins, que atuam à maneira de alma.

Teologicamente falando, uma Comunidade (Província, etc.) é espírito pela força do ESPÍRITO SANTO (3) que a congrega em nome do Senhor, de cuja presença ela goza.

Se olharmos a Comunidade como corpo que age através de mecanis-

mos organizativos e estruturas, a missão de governar é **organizar**, isto é, tomar decisões e programar. Mas se olharmos a Comunidade como alma, a missão de governar é **animar e espiritualizar**.

Governar tem, portanto, fundamentalmente dois aspectos básicos: organizar e animar.

Mas sabemos que animar é mais importante que organizar e administrar. De fato, é importante tomar decisões, dar ordens, despachar, dedicar tempo a assuntos burocráticos

e organizativos. Mas que vale tudo isto, se não há um espírito que anime e dê vida?

Animar, pois, não é tanto exortar e suplicar, mas motivar em profundidade, isto é, exercer o governo na linha do **por quê** e do **para quê** da Comunidade, da Província, da Congregação, etc., e isso a partir de cada pessoa, de seu carisma pessoal e de sua liberdade e a partir do projeto religioso a ser vivido no seguimento de Jesus Cristo na realização de sua missão, junto aos mais necessitados: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os Pobres", (Lc 4,18-20).

"A animação é como que a função principal do governo. Consiste em promover a fidelidade simultânea à tradição que vem consubstanciada nas Constituições e ao Carisma e ao Espírito que fala através dos Sinais dos Tempos. Consiste em discernir e operacionalizar o equilíbrio entre a continuidade e a atualidade, ou seja, entre a Tradição e o Espírito. Deste modo, sua tarefa não é só a de discernir e animar tal equilíbrio, mas a de despertar o discernimento. Por isso, governar é, sobretudo, governar animando e animar através da administração" (4).

A animação, entretanto, não é missão apenas da autoridade. Toda a Comunidade e cada pessoa têm a missão de animar, de conduzir o outro a uma participação responsável. Frei Clodovis Boff, na sua obra "O Evangelho do Poder Serviço", referindo-se à animação, diz: "Animação é fazer fazer, é fazer participar, é fazer acontecer, é despertar as forças internas..., é esti-

mular, favorecer, incentivar, propiciar, dar condições" (5). Essa missão é de todos.

Concluimos de tudo isto que governar tem seu eixo nuclear na animação e não tanto na administração e, sobretudo, se situa na missão de **animar o discernimento da vontade de Deus e na criação de condições para o seu cumprimento**. Tal discernimento engloba: a) a mediação da autoridade do superior; b) a mediação do diálogo comunitário; c) a mediação da realidade, no compromisso preferencial e solidário com os Pobres, que é a terceira dimensão fundamental para o Reino e, portanto, da Vontade de Deus. "O Reino é o CRITÉRIO INTERNO da autoridade, isto é, do poder de governar e animar" (6). Por isso, a "autoridade se entende como um serviço à Comunidade na busca da vontade de Deus" (7), um poder posto a serviço e não um servir-se do poder.

No Relatório do Seminário sobre a **Animação do Setor da Educação Formal a partir do Ser Religioso**, realizado em 1982, com Coordenadores de Províncias Religiosas, um grupo definiu animar como:

— "Revitalizar constantemente o setor de Educação Formal, provocando o confronto da vida e da missão com as exigências da realidade e do apelo dos Pobres, à luz do Evangelho, das orientações da Igreja e do Carisma Congregacional, questionando se a educação está sendo espaço de conscientização e libertação.

— "Criar inquietudes que desinstalem as pessoas e as levem a não

se contentarem com instituições conservadoras.

— “Oferecer possibilidades para novas alternativas em relação à educação formal e incentivar as já existentes.

— “Encorajar as novas experiências, especialmente em situações conflitivas.”

Tal definição; mesmo com a limitação de focar apenas a educação formal, implica em sérias exigências, não só para as equipes de governo e os organismos de animação, mas também para cada pessoa, dentro do espírito de co-responsabilidade.

II — A ANIMAÇÃO DO PROJETO DE VIDA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Analisando a realidade, constatamos que, enquanto a grande maioria dos Religiosos Educadores ainda está inserida nas escolas, um pequeno número trabalha noutras atividades também ligadas à educação. Por isto, é preciso verificar os condicionamentos que esta realidade coloca para a vida religiosa. Estudaremos três tópicos: a educação, o ser religioso e a animação do projeto de vida religiosa dedicada à educação.

1. A educação

A educação “não deve ser considerada abstratamente, mas como se dá no mundo de hoje, acadêmica e também condicionada pelo social e pelo histórico. Todo saber é manipulado para oprimir e articular o poder econômico e político, que são os que realmente mandam. Todo poder econômico se apropria do saber como meio de dominar. A responsabilidade dos cientistas é enorme: são, praticamente, os donos do mundo” (8), mas, por sua vez, são manipulados pelas multinacionais e pelos donos do poder.

A escola é uma instituição social. Instituição é algo “instituído”, estabelecido e, portanto, muito vulnerável, com relação à rotina, ao repetitivo, ao instinto de conservação, à auto-preservação que a torna refratária a qualquer proposta nova, renovadora e inovadora. Como a árvore, cria suas próprias raízes e nelas se apóia e através delas se alimenta. O problema que se coloca é ser boa árvore...

Além disto, a Escola é uma instituição estabelecida, como dissemos acima, num contexto sócio-econômico-político e cultural envolvente e determinante e não simplesmente justaposto. Nela circula o mesmo sangue que corre nas veias das empresas industriais, estatais, bancárias, etc., isto é, o sangue-dinheiro, que carrega em si as mesmas toxinas e impurezas encontradas nessas empresas e através do qual a escola pode existir e funcionar.

Como empresa, a Escola é levada ainda a ser estruturada nos moldes empresariais: tem patrões, empregados, gerentes, usuários ou clientes... Existe um serviço pres-

tado e pago. É uma instituição com tendência ao narcisismo, colocando-se facilmente em primeiro plano, acima das pessoas e com tendência a absolutizar-se e a ser absolutizada. Corre o risco de transformar-se em templo dos ídolos no nosso tempo (9) ou em "seminário" que prepara os adoradores ou sacerdotes desses ídolos do poder, da riqueza e do prazer (10).

Esta realidade nos mostra a ausência de animação para uma educação transformadora e evangelizadora.

O Pe. Agostinho Castejón, em quem nos inspiramos nesta parte do trabalho, em seu artigo intitulado "Escola Católica: instituição expressamente evangelizadora", chama a atenção para estes aspectos contextuais em que a escola está imersa, e insiste em que "é importante que tenhamos consciência destas implicações da instituição, de suas vinculações com o sistema sócio-econômico-político, dos perigos e problemas que ela carrega no sangue", sobretudo em que temos a tendência em pensar a educação, a evangelização, uma escola em pastoral, etc. como propostas desvinculadas da realidade estrutural, como propostas ingênuas de nível apenas pessoal ou interpessoal.

Aqui se coloca seriamente o que chamaremos de fenômeno educativo. Facilmente a escola, forçada por tantas injunções de programas e imediatismos, é levada a ater-se quase que exclusivamente ao simples ensino-aprendizagem da sala de aula e dos exames em vista de um

diploma. Se assume a educação libertadora, a assume apenas como uma acomodação metodológica da sala de aula, sem maior referência ao fenômeno educativo que é muito mais amplo e tem implicações sociais em vista de uma sociedade mais justa e fraterna.

Importa acrescentar que nossa Escola é ou pelo menos deve ser Católica, ou seja, evangelizadora: anunciadora da Boa Nova do Evangelho, não só através das aulas de Religião, mas também pelo testemunho do que anuncia; e este testemunho deve ser explicitado por ações claras e concretas.

É missão da Escola Católica anunciar a Nova Sociedade mais justa e mais fraterna, não só pela linguagem verbal, mas sobretudo pela linguagem não verbal, isto é, pela mudança das relações educativas e sendo ela mesma um espaço operativo-construtor dessa Nova Sociedade, o que implica numa mudança curricular evangelizadora em profundidade. Mudar o currículo para mudar a educação (11). Criar, com a Comunidade Educativa, outra educação e evangelização e não só mais educação e evangelização.

Trata-se, portanto, de uma nova postura não só metodológica mas estrutural da Escola, se quiser ser o anúncio de uma Nova Sociedade e ao mesmo tempo denúncia da atual sociedade. Esta exigência é tanto mais séria quando se trata de escolas dirigidas por Religiosos, dada sua missão especificamente profética e transformadora, no campo da Educação.

2. O ser religioso

É neste mundo dominado por poderes que o Religioso vive, é chamado a realizar-se e a construir sua identidade. Esta identidade não é a de um ser fixo, mas mutável.

Por isso, embora permaneça idêntico a si mesmo, na sua essência, o Religioso deve encarnar-se, atualizando-se e assumindo os desafios concretos que a realidade requer.

Como qualquer grupo, deve enfrentar o problema de sua identidade (*unum e idem*). Tradicionalmente, resolvia-se este problema reforçando-se os aspectos institucionais, a imposição de comportamentos e formas de vida rotineiras, a fixação de tarefas. Tudo isto, porém, tende a limitar o carácter carismático e profético do ser religioso, a conservar a instituição ao invés de fornecer bases à continuidade da missão da instituição ou da Congregação na Igreja.

A vida religiosa não se define pelo fazer, nem sequer pela ação, mesmo pastoral, mas pelo **ser** a serviço da Igreja. A fonte de sua identidade não é uma atividade ou ta-

refa determinada, como por exemplo, a atividade específica em virtude do "carisma da Congregação". Seja qual for a atividade do seu instituto, o Religioso atua a partir do seu Carisma próprio na Igreja: ser anúncio, por sua vida, dos valores do Reino e também denúncia dos antivalores da atual sociedade. Em relação ao fazer, o Religioso pode fazer qualquer coisa, desde cozinhar até mergulhar nas altas pesquisas nas universidades.

"Pode acontecer que um grupo religioso, por seu carisma, assuma uma escola ou um hospital, como mediação para cumprir sua missão evangelizadora. Mas, enquanto Religiosos, em vida religiosa não se define em relação aos serviços e ministérios, mas em relação à estrutura religiosa e sacramental da Igreja, enquanto sinal de graça e salvação. Ser religioso é ser vida, vida religiosa, testemunho qualitativo, profético, onde se estiver, como sinal de salvação. A vida religiosa se realiza na linha da epifania, da manifestação da graça, do sentido último do mundo, da vida, da história. Ser religioso aponta para o radical, o qualitativo, os valores" (12).

III — O PROJETO DE VIDA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E AS EXIGÊNCIAS DE SUA ANIMAÇÃO

3.1. EM NÍVEL PROVINCIAL

a) Tipos de animação

Podemos aplicar à animação o que freqüentemente se diz da educação não tanto **mais** animação, mas

outro tipo de animação: o que mantenha viva nos Religiosos a opção pelo seguimento radical de Jesus Cristo, sem a qual é impossível alcançar a plenitude da pessoa religiosa. Mais que o simples administrar ou organizar, a animação exige

criar condições para que a vida religiosa reafirme seu sentido evangélico pleno e concreto.

Observando-se as formas de animação nas Congregações e Institutos, poder-se-ia classificá-las com a mesma tipologia aplicada à pastoral: tradicionalista (verticalista), modernizante (horizontalista) e transformadora (comunitária). A animação tradicionalista forma os simples observantes, a modernizante faz os omissos, a transformadora prepara os convertidos. Os observantes permanecem na família religiosa, os omissos destroem-na, mas só os convertidos perseveram e realizam a Congregação. É bom repetir aqui que uma Congregação ou Instituto não pode ser exclusivamente um grupo de pertença jurídica, mas deve ser, sobretudo, um grupo de vivência dos valores evangélicos e do carisma, que ultrapassam o regulamento e sua observância.

b) **Estrutura e dinâmica da animação**

Estrutura, aqui, designa o tipo de organização do governo e dinâmica indica a forma como o mesmo funciona. Em ambos os casos, urge examinar as condições criadas para o exercício de uma boa animação.

Basicamente são quatro os aspectos a considerar na estruturação de um governo provincial: a) **vida religiosa**, abrangendo consagração, vida comunitária e vida de oração, que, na prática, constituem a formação contínua; b) **formação inicial**, aspecto específico numa Província; c) **apostolado**: pastoral da saúde, de escolas, de inserção nos pequenas

Comunidades; d) **administração**, com a infra-estrutura necessária ao exercício do governo. Embora esta divisão seja, sobretudo, didática, é importante que em cada uma haja um coordenador e os coordenadores formem a equipe de animação, sob a coordenação geral do Governo Provincial, a quem cabe ainda prioritariamente a animação da vida religiosa, em vista da unidade da missão única e comum da Congregação ou do Instituto.

Para chegar à animação em equipe, vivendo a dinâmica da colegialidade e como autêntica comunidade de vida e de serviço, a equipe de animação precisa inicialmente de uma espécie de ANO DE NOVI-CIADO onde se trabalhem e/ou aprofundem os conteúdos como os seguintes:

— meios e exigências para trabalhar em equipe ou para viver a vocação-serviço comunitariamente;

— o conhecimento mútuo, em vista de maior aceitação e ajuda fraterna;

— como discernir, isto é, como analisar e valorizar criticamente, à luz da fé, as diversas situações que surgem;

— a oração em comum, em busca de um nível profundo na partilha da fé;

— como planejar com eficiência; fazendo diagnósticos, elaborando objetivos, encaminhando programações, avaliando;

— a realidade do mundo atual (valores, cultura, situação político-econômico-social-religiosa do povo);

— a Província: suas possibilidades e limitações, suas luzes e sombras;

— as Comunidades locais e seus membros (idade, problemas, dificuldades, qualificações, possibilidades);

— a importância e necessidade do relacionamento intercongregacional e a inserção na Igreja.

Em síntese, é preciso levantar os elementos concretos para um plano integral de governo e aplicar-se num noviciado permanente a animar em equipe (13).

c) **Aprofundar o carisma congregacional**

É o objetivo que constitui qualquer sociedade e, portanto, a comunidade. Vive-se junto para... Se se perde de vista este fim e se, de uma maneira concreta, não é reatualizado constantemente, sobretudo se não é assumido com bastante unidade, a família religiosa perde sua razão de ser e sua força vital. Os religiosos estão juntos para responderem aos apelos que juntos perceberam.

O carisma traz consigo a dimensão de missão, entendida como envio para ser sinal, para anunciar, denunciar e assim servir o povo de Deus na realização concreta de sua história: **“É um modo próprio de viver o Evangelho, seguir a Cristo e viver a missão específica na Igreja”**. Supõe disponibilidade total da pessoa, frente ao absoluto de Deus e às exigências do Reino e implica em abertura de coração para colaborar com o Espírito Santo que anima toda a família religiosa.

A procura ou redescoberta do carisma é procura e redescoberta da identidade da Congregação ou Instituto, do sentido e do valor da própria vida. Evoca a experiência ín-

tima e profunda de Deus que os Fundadores viveram e transmitiram e cuja permanência está nas mãos dos que se comprometem a continuar a obra. Evoca outrossim um chamamento, um vir-a-ser que não é unicamente adaptação ao presente, mas é criatividade, esforço no refletir, procurar, descobrir, inventar as melhores formas de realizar a missão comum hoje e amanhã. Revela uma identidade com suas percepções, traços, atributos, qualidades, falhas, capacitações, valores, etc.

Sem uma consciência clara do carisma, de sua missão na Igreja, a família religiosa deixa de existir. Cada Congregação, cada Instituto, tem na Igreja uma função específica insubstituível. “Não é bom que o Corpo inteiro seja composto de olhos. Que seria então do ouvido?” (1 Cor 12,17).

É preciso, então, indagar-se: A Congregação encontrou realmente sua carteira de identidade, a intuição primeira e fundamental dos Fundadores? Esforça-se para trazê-la e traduzi-la para nossos dias? Em toda esta pesquisa e reflexão, o governo tem um papel de suma importância. Cabe-lhe levar aos níveis provincial e local a reflexão sobre o carisma da Congregação ou do Instituto, feita nos Capítulos Gerais e, à luz da reflexão, levar a efeito o discernimento das obras e a tomar decisões coerentes.

d) **A elaboração do projeto educativo-evangelizador da Província**

A animação da missão apostólica não será possível se não houver, na

Província, um projeto educativo. E ele deverá ser criado, em comum, pelas equipes provinciais de educação e de pastoral, a partir dos trabalhos já realizados pelos Religiosos que estão nas obras.

Para haver maior unidade (e também para não ficar gente demais nas estruturas de organização e governo, sobretudo nas Congregações pequenas...), é prático e prudente confiar a uma só pessoa a animação geral do setor do apostolado, mesmo que haja, na Província, vários setores (educação, saúde, comunidades inseridas, etc.). Na realidade, a missão é única e comum, apesar da diversidade das mediações do apostolado.

Sob a orientação geral deste animador, os setores (saúde, educação, comunidades inseridas ou frentes missionárias, etc.) terão seus coordenadores que formarão a animação colegiada. Elaborarão o projeto educativo-evangelizador, tendo como elementos delimitadores de sua proposta o objetivo educativo-evangelizador da Congregação, o ser religioso, o carisma fundacional, as orientações da Igreja, os dados concretos da realidade e os apelos dos Pobres.

Em que ordem devem ser vistos estes elementos? Qual o grau de influência de cada um? Quais os passos no estabelecimento do projeto educativo?

Há várias alternativas. O essencial é planejar em comunhão e participação.

Uma alternativa:

Estabelecer os objetivos, as prioridades, o plano de ação provincial (as estratégias). Depois, cada Co-

munidade fará seu projeto educativo-evangelizador, para realizar o plano provincial.

Outra alternativa é:

Começar pelas Comunidades locais, que estabelecerão seus objetivos, as prioridades, as estratégias (ou planos de ação). O projeto educativo-evangelizador da Província será elaborado a partir dos planos locais e servirá para cada Comunidade reenfocar seu plano.

E todo este planejamento chegará à concretização depois de se elaborar o plano de animação, cujo objetivo é se criarem as condições para traduzir em vida e levar à prática as perspectivas definidas em toda esta caminhada.

e) Capacitação dos agentes

Uma das grandes exigências da animação é a capacitação tanto inicial como permanente das pessoas, religiosos ou leigos. Como em geral é ainda pouco o que se faz em relação a isto, o que conseguirmos fazer será lucro...

Na **formação inicial**, é básico, para os formandos e os formadores, haver uma proposta definida e clara, que dá segurança aos membros da Província e às Casas de Formação. Uma Província que sabe aonde e como vai, através de um plano de renovação, definido e assumido por todos, constitui um **noviciado permanente**, o melhor de todos, que dá sentido e contexto ao Noviciado propriamente dito.

A **formação permanente** deve ser uma das prioridades do plano de governo.

Distinguimos a formação dos religiosos e a dos leigos que nos ajudam. Os leigos devem ser formados na espiritualidade deles, como cristãos, com sua vocação e missão próprias na Igreja e não como espécies de "ordens segundas" ou "terceiras" das Congregações... Eles não estão aí só para completar os claros deixados pela falta de vocações ou pela rejeição que os religiosos mais novos fazem em relação às obras de educação... Não são só auxiliares, funcionários ou simples profissionais. Têm uma missão específica na Igreja e esta missão deve orientar a formação inicial e permanente deles como educadores e evangelizadores em nossas obras.

Conforme o tamanho das Congregações ou Províncias, há necessidade de um "Secretariado dos Leigos", com o encargo específico de criar, **com eles**, condições de poderem realizar conosco os objetivos das obras, à luz do carisma da Congregação.

Há dificuldades específicas na formação dos adultos, sobretudo se são professores. Sem consciência disto, podemos promover cursos e mais cursos, com um mínimo de resultados em termos de mudanças de atitudes.

Adulto não costuma ser "aluno fácil". Os operadores das recentes "experiências de Nancy", realizadas pelo Centre Universitaire de Coopération Économique et Sociale, puderam demonstrar que, "quando um adulto recebe um ensinamento, acontece que retém, de tudo o que lhe foi dito, apenas o que vem reforçar a representação que ele tinha daquilo que lhe falam" (14). Dizendo-se isto de uma forma positi-

va, os adultos se aproximam dos problemas de instrução e de formação já enriquecidos com uma experiência segura e verificada, já fortalecidos com uma visão global da existência, e também estruturados em seus esquemas e em seus hábitos. São difíceis de ouvir os outros; mais difíceis ainda de mudar...

Mais que nunca, portanto, se imporão o trabalho de grupo, a participação no planejamento e no desenrolar dos projetos de formação, a auto-avaliação, o aproveitamento das experiências, o revezamento nas coordenações dos projetos formativos, a solicitação das contribuições pessoais de cada um, bem distintos dos esquemas aprendidos por nós, desde antes do noviciado... Impõe-se também, por tudo isto, "matriricular-nos na escola dos leigos" e frequentá-la: não somos só nós que sabemos, e a prática de vida deles, por precisarem de enfrentar um mundo de dificuldades, sem as seguranças das estruturas religiosas, é frequentemente mais amadurecedora que os mecanismos infantilizados do tudo pronto, do já planejado pelos superiores, do rotineiro, das licenças que acabam transferindo a responsabilidade para os superiores, etc.

f) Setor de pesquisa

Por que um setor de pesquisa no organizar a animação de uma Província? É que os Religiosos que trabalham em educação, sobretudo através da mediação escola, são levados a incorporar a dinâmica acadêmica: início do ano letivo, aulas, provas, férias, descanso. Isto, além

de compartimentalizar a vida, torna-a rotineira e, portanto, muitas vezes avessa à **pesquisa**, ao **sentido crítico**, e, sobretudo, a qualquer idéia de **processo**.

Assim, por falta da dinâmica de processo, de pesquisa, de senso crítico frente a um mundo dominado pelos poderes antievangélicos, muitas Províncias, depois de 50 ou mais anos de trabalhos em educação, não têm nada a dizer, em termos de **experiências significativas**, quer na educação, quer na pastoral, ou na formação, na administração e no governo.

Por isto, uma das grandes exigências da animação de uma Província e, em concreto, da animação do setor de educação, será desenvolver na Província o sentido de processo e de formação da consciência crítica, com que teremos mais condições de enfrentar, na atualidade, o jogo de tantos contravalores e interesses contrários aos do Evangelho e de nossos objetivos.

Outra vantagem da pesquisa realizada sistematicamente é a divulgação, junto a outros Religiosos, do que cada Congregação vai conseguindo. Isso multiplicará os resultados de cada esforço.

g) Condução do conflito

Facilmente o diálogo é um "monólogo a dois". Isto se explica pela realidade dos esquemas mentais, tão difícil de ser mudada, e pela ausência de uma auto-análise, que seria o primeiro passo da mudança. Diante desta constatação, dá-se hoje muita importância ao conflito, ou então se tem cada vez mais medo dele e se

busca a solução do silêncio, o caminho da omissão, um pecado sério de nossos dias.

Poucos aceitam a idéia de que o conflito faz parte da vida e de que não é necessariamente mau. E até muitas vezes vêem o conflito como algo que deve ser evitado a todo o custo, ou, pelo menos, dissimulado, não evidenciado.

Entretanto, o conflito é uma fase normal de toda mudança, algo inerente a todo processo de renovação. Onde não há conflito, deve estar ocorrendo basicamente uma destas coisas: ou alguém manda demais e por isso ninguém fala, ou alguém não manda nada e cada um faz o que bem entende... Em ambos os casos, não haverá mudança nem renovação, por estar ausente uma animação que seja educativa e transformadora.

Aqui entrará a pedagogia de condução do conflito que é, na prática, a vivência da educação libertadora: a que cria, com o educando, as condições para que seja sujeito de seu próprio desenvolvimento. Isto é uma função própria da animação, que, na vida religiosa, dispõe de mais recursos, os específicos dos que se comprometeram a seguir o Cristo.

3.2 EM NÍVEL COMUNITÁRIO

A animação em nível local-comunitário precisa orientar-se, na prática, pelos mesmos conteúdos e dinâmicas que a animação provincial. Competiria a ela promover a fidelidade entre o carisma das pessoas, as exigências da missão própria da Comunidade onde está situada, frente aos apelos do povo e da Igreja,

e a fidelidade ao plano provincial de renovação e de animação. A comunidade local deve ser animadora da vida religiosa do Religioso Educador e não só questionadora ou "cobradora". A obediência não é produto da ordem ou de ordens, mas é conquista de todos, fruto da definição pastoral de todos em função do bem comum.

Na prática, isto viria consubstanciado no projeto comunitário, em vista de concretizar uma comunidade que seja testemunho dos valores do Reino e denunciadora dos anti-valores da atual sociedade.

Uma comunidade ocupada em denunciar, através de sua maneira de ser, as injustiças e discriminações tão comuns ao nosso mundo. Uma comunidade cuja ascese se constrói na realização do projeto comunitário, pois não existe separação entre vida consagrada e missão. Uma comunidade onde os leigos partilham do mesmo ideal e se sentem parte do processo educacional.

3.3. EM NÍVEL PESSOAL

É importante que cada Religioso tenha seu projeto pessoal de vida. Que ele tenha se encontrado como pessoa e como Religioso que optou por um determinado carisma. Só assim será capaz de gerir a própria vida e de animar sua missão.

Esta tarefa exige uma constante renovação. Daí a necessidade de converter-se continuamente e de atualizar-se em todos os níveis. O caminho não está pronto. Ele se faz passo a passo.

Será de suma importância que este projeto pessoal de vida não

constitua uma "camisa de força", mas seja assumido numa caminhada libertadora, sabendo acolher-se, pacientar-se, tranquilizar-se, perdoar-se, encher-se de esperança. Nesta mesma linha de princípios de um clima de libertação, será preciso que o projeto pessoal de vida não crie aspirações demasiadas, nem tampouco seja "intimista", mas saiba abrir-se aos grandes problemas da Igreja e do povo. Sobretudo, procurará centrar-se na pessoa de Jesus Cristo, o maior eixo de sustentação da vida religiosa.

3.4. NO NÍVEL DAS OBRAS

As obras são as mediações através das quais o Religioso cumpre sua missão profética, à luz do Carisma Congregacional. Não é indiferente, entretanto, para uma Província ter esta ou aquela mediação. As mediações são condicionadas pelo destinatário e, ao mesmo tempo, correm o risco de sufocar o Carisma.

Além disso, sabemos que é nas obras que se manifesta a crise da vida religiosa, por serem elas mesmas antitestemunhas. Nelas, em geral, o Religioso é questionado em sua vida e até seriamente influenciado pelos valores antievangélicos que veiculam. Daí deduzirmos a importância de se definirem os objetivos das obras em consonância com a missão profética da vida religiosa e as exigências do carisma específico de cada Congregação.

Isto implica num processo de animação, tanto em nível provincial como local das obras de uma Província para que a vida religiosa e

as obras, que são a mediação para cumprir a missão, sejam intercomplementares e não antagônicas.

3.5. NO NÍVEL DOS ORGANISMOS DE IGREJA

A CRB tem caminhado no sentido de ser presença profética na Igreja. Cada vez mais tem buscado integração com outros organismos, não só em nível de palavras e desejos, mas numa linha operativa bem concreta.

Com a CLAR vem mostrando a presença evangelizadora do Religioso Educador como agente de transformação na escola e fora dela. Basta lembrar o Seminário realizado em Mendes (RJ), em maio de 83, tendo como tema "A Evangelização como Missão do Religioso na Escola". A CNBB tem dado total apoio às iniciativas da CRB: "Acolhemos as conclusões como a expressão da vitalidade dos Religiosos e como forma concreta de seu compromisso com o crescimento da fé num ambiente nem sempre fácil de evangelização.

"Apoiamos e assumimos, juntamente com a CRB, a AEC e os Religiosos Educadores, a causa da Evangelização, através da Educação" (15).

Ainda na linha 6 do Documento 29, Setor Educação, a CNBB destaca o caráter libertador da educação, a opção pelos pobres, a democratização do ensino; tudo isto vem sendo assumido pela CRB através de sua linha de reflexão e da presença atuante dos Religiosos nos diversos setores.

Cabe uma dinamização maior destas propostas numa linha profética e transformadora, "a partir da realidade social e das exigências da fé, desafiando os conteúdos, as metodologias, as relações educativas, o educador e as instituições, exigindo a revisão de práticas educativas que, muitas veezs, favorecem as desigualdades sociais, a eliminação dos mais pobres, reforçando o individualismo, a competição, enfim, o próprio sistema injusto que se denuncia verbalmente".

CRB e AEC têm promovido atividades conjuntas (seminários, estudos, animação de GREs Regionais), e, sobretudo, animando a caminhada de renovação da vida religiosa no campo da educação. Cabe aqui ressaltar a nova visão e atuação dos Religiosos nos vários setores educacionais, renovando o sentido de sua vocação, no atual momento histórico da Igreja.

Aumentam as esperanças, com a realização do Seminário sobre a animação dos GREs regionais, levado à frente conjuntamente com a AEC do Brasil e a CNBB, em maio deste ano de 1984. Abriram-se, a partir de então, muitas perspectivas de animação da caminhada e renovação da vida religiosa no campo educacional. Isto, no entanto, precisa ser assumido com mais afinco, para que de fato a vida religiosa se manifeste como testemunho e transformação em nosso mundo.

Estamos certos de que, com todo este esforço de animação nos diversos níveis, tanto em nível dos organismos de Igreja como das Congregações (Provincial, Comunitário, Pessoal e das Obras), se operacio-

naliza uma sensibilização, uma mobilização e um compromisso, para que **“os Religiosos que se dedicam ao campo da educação reencontrem o sentido de sua vocação e de suas obras, como educadores de fé”**, embasando toda essa caminhada **“numa sólida visão teológica da vocação religiosa a serviço da Igreja e dos homens, em especial dos Pobres”**.

Ir. Maria José Teixeira, SCM
Ir. Neil Pimentel, FC
Ir. Rosa Idália Pesca, FMA
Ir. Virma Barion, C. a Ch.
Ir. Joaquim Panini, FMS
Pe. Paulo Palú, CM
Pe. Paulo Englert, SJ
Ir. Maria Vilani Rocha de Oliveira, FHIC

NOTAS

(1) XI AGO da CRB, 1977, 7ª proposição. (2) Recomendamos, sobretudo, o livro lançado há pouco pela CRB: O EVANGELHO DO PODER SERVIÇO, de Frei Clodovis Boff, OSM (Publicação CRB/84). (3) P.C., 15. (4) Irmãos Provinciais, as pessoas — chave na renovação do Instituto, pág. 12. Ir. Joaquim Panini, FMS. Manuscrito. Trabalho enviado à Conferência Geral de 1979. (5) O EVANGELHO DO PODER SERVIÇO, de Frei Clodovis Boff, OSM. (Publicação CRB/84, p. 42). (6) Autoridade e Governo na VR — XIII AGO da CRB/1983. Texto de estudo, pág. 5. (7) Ibidem, pág. 6. (8) Hugo Paiva. Relatório no Seminário sobre a animação do Setor da Educação Formal de

uma Província a partir do Ser Religioso, pág. 43. (9) Puebla, 491-506. (10) Educação para a Justiça — Pe. Francisco Tabora, SJ — Rev. de Educação AEC — 9/80 — nº 37. — Escola católica, instituição expressamente evangelizadora — Pe. Agostinho Castejón — Rev. de Educação AEC, 9/80 — nº 38. (11) Revista de Educação AEC — nº 48, 1983, p. 28ss. (12) Hugo Paiva, obra citada. (13) Función del Gobierno en la animación del Instituto — Revista Vida Religiosa, nº 1 — Janeiro 1979 — Madrid. (14) Vida Religiosa em perspectiva de Formação Permanente — Pedro Brocardo — Edit. Salesiana Dom Bosco — 1983. (15) Carta enviada por D. Luciano Mendes e D. Orlando Dotti à CRB em 28/12/79, por ocasião do 1º Seminário promovido conjuntamente CNBB, AEC, CRB.

Qual será a missão primordial da Igreja no Brasil?

Não tenho dúvidas em responder: Face o alargamento da dissolução ética, da corrupção administrativa e da licenciosidade dos costumes, a missão primordial da Igreja é: (1) Propor à sociedade uma escala de valores evangélicos. (2) Revelar, sem esmorecimento, o Absoluto de Deus. (3) Formar a consciência moral, individual e coletiva. Serviço inigualável e que só a Igreja pode prestar.

O RELIGIOSO EDUCADOR: UMA CRISE SUPERADA?

Diz Medellín 4, 11, 8: A Educação Libertadora é "necessária à América Latina para redimir-se das escravidões injustas e acima de tudo do próprio egoísmo".

Pe. Agostinho Castejón, SJ

Brasília, DF

1 — Nos últimos anos, vêm sendo promovidos pela CRB e AEC seminários anuais sobre o Religioso Educador, a nível nacional. O seminário de 1983 foi promovido junto com a CLAR, em âmbito latino-americano.

A partir destes, desenvolve-se atualmente um trabalho regionalizado, onde se procura abrir espaços para que os religiosos educadores possam discutir seus problemas, trocar experiências e buscar juntos novos caminhos para a educação.

2 — Nesse texto, tomando como ponto de apoio as constatações apontadas pelos próprios religiosos educadores em vários encontros dos quais tenho participado, proponho-me a comentar as raízes de toda essa ebulição de questões em torno do religioso educador e as várias reações que elas provocaram entre os mesmos nas últimas décadas.

3 — Fazendo isto, penso principalmente em dois tipos de leitores:

— Os Religiosos Educadores (REs) que atuam na área da educação formal escolar, em escolas católicas particulares, de propriedade das Congregações Religiosas e que se sustentam através das anuidades pagas pelos alunos. Todas estas qualificações são necessárias porque, numa boa parte do casos, estaremos referindo-nos à problemática específica que surge, não do fato de serem religiosos-educadores, mas da circunstância concreta em que desempenham esta função. No sentido amplo do termo educação, que Medellín chama de "conceito moderno" (Med. 4, III, 10), e no sentido amplo da pastoral, pode-se afirmar, com razão, que todos os religiosos são educadores: desde o professor de teologia à religiosa enfermeira, o vigário ou o agente de educação popular... Aliás, podemos dizer, de passagem, que não seria demais um aprofundamento da dimensão educativo-pedagógica da atuação nestes campos.

— O texto dirige-se, também em primeiro plano, àqueles que, em diversos graus de responsabilidade, partilham da tarefa de coordenação, animação ou governo, em nível de Colégio, Província, CRB, AEC, Dioceses ou Regionais.

— As reflexões aqui reunidas poderão ser úteis também àqueles religiosos educadores que, através de um processo mais ou menos tumultuado, passaram a atuar em outros tipos de pastoral ou a viver novas experiências de inserção popular. Talvez seja proveitoso, depois de alguns anos, pensar de novo os caminhos trilhados... Mesmo porque fica um pouco de nós no caminho e levamos junto as experiências vividas.

4 — Considero este artigo diretamente ligado a um texto anterior, publicado também na **CONVERGÊNCIA** (1) sobre o mesmo tema. É colocada ali uma série de análises preliminares, sem as quais uma boa parte das observações aqui apresentadas poderiam ficar suspensas no ar.

5 — J. B. Libânio afirma que “cada momento de consciência educativa tem seus limites de possibilidades, que não podem ser julgados a partir de outro momento, mas dentro dele e numa perspectiva de processo superativo” (2).

Dentro dos limites de possibilidades de nosso momento, cabe à nossa geração de religiosos educadores, assumir a resposta mais adequada aos desafios que se colocam hoje e que não afloravam à cons-

ciência educativa de outros períodos. Em outros momentos e dentro de seus limites de possibilidade, nossos antepassados posicionaram-se e responderam da maneira que consideraram mais adequada naquela circunstância.

Assim como seria incoerente criticá-los porque, em seu tempo, responderam da melhor maneira possível e a partir dos dados disponíveis, aos desafios enfrentados, também seria incoerente reproduzir hoje literalmente suas respostas, numa circunstância diferente, diante de outros desafios e num momento de consciência educativa cujos limites de possibilidade são outros.

Cabe à nossa geração de REs fazer frente aos problemas que enfrentamos hoje e que configuram uma verdadeira situação de crise dentro das escolas católicas e nas Congregações docentes.

Mas... será que essa crise não passou?

Donde vem tanto questionamento?

Entre os vários momentos fortes ou as várias fontes de questionamento permanente para os REs na América Latina, merece especial destaque, sem dúvida, o documento das Conclusões da Conferência Episcopal em Medellín (3).

As grandes questões, que já vinham fermentando entre os REs em todo o Continente, ecoaram, a partir de Medellín, de maneira muito mais forte em toda a Igreja.

Vale a pena retomar algumas colocações, porque elas subjazem a toda a problemática que atinge o RE e continuam ecoando até hoje. Mais do que uma síntese, tentaremos buscar as idéias-força ou os posicionamentos eclesiais que produzem maior impacto na educação católica, dentro da perspectiva singular do Religioso Educador.

1 — A organização do documento 4 de Medellín, assim como dos outros documentos da mesma Conferência, é muito importante. É mais do que uma simples divisão metódica para a abordagem de um determinado tema.

Partindo de um reconhecimento geral dos consideráveis esforços e méritos, que correspondem tanto aos governos como à Igreja e aos demais setores responsáveis pela educação, e afirmando-se animados não por um espírito pessimista, mas por um desejo de superação, os Bispos passam a analisar os grandes problemas que afetam a educação no Continente (Med. 4, I, 2, 3).

Esse fato de partir de uma análise da realidade educacional, em contexto, e da educação católica dentro do sistema global de educação, para confrontar esses dados com os critérios da fé (a missão da Igreja, o Plano de Deus para os homens...), e a partir daí buscar pistas para a ação, constitui, ao mesmo tempo, um posicionamento teológico e um método proposto como orientação pedagógica da ação. Está sendo proposta aí uma **dinâmica a ser vivida e não um conselho mais ou menos genérico, ou um princípio vago sobre a educação "em si"**.

É muito diferente de outros documentos eclesiais sobre educação ou escola católica que partem, geralmente, de princípios gerais para afirmar a importância ou o direito ou dever do educador cristão enquanto tal, e daí sugerir exortações ou recomendações não menos genéricas para a educação em si ou para a escola católica enquanto tal.

Não é uma simples alteração da ordem dos fatores para acabar dando o mesmo resultado. O ponto de partida é diferente: é encarnado; e, sobretudo, a proposta de Medellín impulsiona o desencadeamento de um processo continuado de busca, tanto na vertente da análise crítica da realidade educacional situada em seu contexto e da própria ação educativa aí situada, como nas vertentes de aprofundamento do dado da Revelação e da constante reavaliação e planejamento da ação educativa.

2 — Essa visão dinâmica é explicitada no próprio texto de diversas formas:

— A Pastoral Educacional "não pode ser concebida como uma série de atividades e normas desconexas, mas como resultado de um verdadeiro planejamento continuamente renovado" (Med. 4, III, 25).

— A própria realidade exige que a tarefa educativa seja continuamente "adaptada às mutações históricas" (Med. 4, III, 17), e o educador precisa ter uma "atitude de serviço em constante evolução" (4, III, 14). Essa tarefa dos educadores católicos e congregações docentes é reconhecida como "abnegada

função apostólica que deve ser sempre renovada e atualizada” (Med. 4, III, 17).

— A escola católica deverá ser “viva e dinâmica, dentro de uma oportunidade e sincera experiência renovadora” (Med. 4, III, 19,c). E para isto será preciso promover “uma permanente avaliação dos métodos e estruturas das escolas” (4, III, 24), como impulsionadora permanente do aprofundamento da “linha proposta pelo Concílio e por esta Conferência” (Med. 4, III, 17).

Evidentemente, não se trata de uma mera modernização de métodos e técnicas pedagógicas, numa perspectiva tecnicista da educação. Essa dinâmica de renovação e permanente avaliação é proposta a partir de uma análise da realidade global da América Latina e dos dados e exigências da fé, que devem ser, por sua vez, continuamente aprofundados.

Interpretar Medellín numa linha puramente tecnicista seria ignorar toda a mensagem do próprio documento 4, e da própria Conferência.

3 — No fundo, tanto as observações ou constatações críticas, quanto as recomendações positivas de Medellín, representam, pois, muito mais que um simples elenco de críticas e sugestões.

Nascem do confronto de três fatores: a gritante realidade social da América Latina, o papel que a educação desempenha nesse contexto, incluindo aí a escola católica inserida dentro de um sistema educacio-

nal global, e a luz que a fé projeta, e as exigências que ela faz nessa mesma situação.

A escola católica e a ação do RE passam a ser vistas, portanto, dentro das coordenadas de tempo e espaço, situadas na realidade latino-americana, como parte de um sistema educacional global que se orienta “para a manutenção da estruturas sociais e econômicas vigentes mais do que para a sua transformação” (Med. 4, 14).

É essa **ABERTURA DE HORIZONTES E FRONTEIRAS** que constitui a nascente ou manancial de todos os questionamentos que, a partir de Medellín, enfrentam com muito maior força tanto a escola católica como o religioso educador.

Uma vez aberto esse horizonte, rompem-se as comportas de questionamentos em cadeia, que vão surgindo e multiplicando-se por si mesmos. Podemos dizer que, de certa maneira, foram arrombadas as portas e janelas das escolas e das comunidades religiosas que nelas atuam. A partir daí, não será mais possível manter o mito da escola-ilha ou da educação neutra ou benéfica “em si”, em qualquer hipótese; não será mais possível uma ação educativa realizada na escola, como se esta fosse um mundo à parte, como se ela não estivesse atravessada por todas as contradições que afetam a sociedade.

A partir desse novo horizonte, surgem algumas perguntas básicas que o RE passa a colocar-se: — Que interesses promove, dentro

desta sociedade latino-americana, a escola católica ou o RE? A quem servem? — Que resposta estamos dando ao “drama e desafio” que se configura no panorama geral da educação (Med. 4, 1, 2)?

— Nosso trabalho educativo contribui para a reprodução das divisões e da injustiça na sociedade, ou colabora efetivamente para aquilo que Medellín chama de “desenvolvimento integral do homem e de todos os homens” (Med. 4, 1, 2 e 4, 11, 8)?

— Qual a nossa contribuição para libertar os homens da “servidão cultural, econômica e política” (Med. 4, 1, 7); para criar a nova educação que nossos povos exigem (Med. 4, 11, 9); para “antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina” (Med. 4, 11, 8)?

4 — Mais do que uma questão ou série de questões adicionais, somadas aos mil problemas que surgem na busca de uma educação sempre renovada, está sendo colocada aqui a própria **educação numa perspectiva diferente**. E é essa própria perspectiva que explode em estilhaços de questões, em todos os âmbitos da atuação do RE e da escola católica.

Implicitamente, está sendo colocado um pressuposto ainda mais inquietante, que poderíamos formular assim: **É possível trabalhar na educação, com extraordinária boa vontade, numa total dedicação em vista da fé, com absoluto desprendimento... e ainda assim, estar fazendo um serviço de reforço, reprodução e manutenção da injustiça social vi-**

gente, que nega frontalmente a própria proposta da fé. É possível continuar trabalhando na escola sem qualquer inquietação. A “boa vontade” do serviço prestado não altera os efeitos negativos que dele podem decorrer.

É claro que essa perspectiva afeta fortemente os REs.

Ela vem sendo retomada e aprofundada em congressos, encontros, seminários promovidos pelos organismos de educação católica nas diversas instâncias. Há esforços sérios de autêntica reconsideração da tarefa educativa, em busca de uma resposta necessariamente nova, porque toda a perspectiva em que é colocado o problema educacional, é nova desde o ponto de partida.

Uma perspectiva otimista e aberta

A Conferência de Medellín qualifica a visão de educação por ela apresentada, neste momento de “despertar de um mundo novo” (Med. 4, 11, 9), como uma visão “alentadora” (Med. 4, 11, 9), inspirada não “num espírito pessimista, mas num desejo de superação” (Med. 4, 1. 2).

Atribui à educação, entendida no sentido amplo, o caráter de “meio chave para libertar os povos de toda escravidão e fazê-los subir de condições de vida menos humanas a condições mais humanas” (Med. 4, 11, 8), e de “fator básico e decisivo no desenvolvimento do Continente” (Med. 4,1); isto porque ela capacita o homem para ser “agente consciente de seu desenvolvimento integral”

(Med. 4, 111, 16). Ela é a "maior garantia do desenvolvimento pessoal e progresso social", por dois motivos: porque "prepara os autores do desenvolvimento e é a melhor dispensadora de seus frutos" (Med. 4, 111, 10).

A educação latino-americana é chamada a dar uma resposta ao desafio do presente e do futuro do nosso Continente (Ved. 4, 1, 7). E esta resposta é esboçada na proposição de uma Educação Libertadora, "necessária à América Latina para redimir-se das escravidões injustas e acima de tudo do próprio egoísmo" (Med. 4, 11, 8).

Para essa transformação da sociedade, a "missão dos educadores é decisiva" (Med. 4, 111, 14), e os cristãos empregarão todos os seus esforços na tarefa de criar essa nova educação (Med. 4, 11, 9).

É preciso "dar oportunidades a todos os homens, em vista da posse sempre maior de seu próprio talento e de sua personalidade, a fim de que, por ela, atinjam, por si mesmos... a plenitude da participação social, econômica, cultural, política e religiosa" (Med. 4, 111, 11).

Medellín propõe ainda uma colaboração e interação com as outras escolas, particulares ou oficiais, em termos que considero importante transcrever, em vista dos problemas que se vislumbram para a educação católica e para os REs nos próximos anos:

"A atitude da Igreja no campo da educação não pode ser a de contrapor a escola confessional à não-confessional, a escola particular à

oficial, mas a de colaboração aberta e franca entre as escolas..., entre os planos de educação da Igreja e os do Estado; colaboração essa exigida em benefício da comunidade universal dos homens. Esta coordenação não constitui perigo para o caráter confessional das escolas católicas, mas antes é um dever pós-conciliar das mesmas, **segundo o novo conceito de presença da Igreja no mundo de hoje**" (Med. 4, 111, 29).

Parece lógica a conclusão de que, dentro desse novo conceito pós-conciliar de presença da Igreja no mundo de hoje, a escola católica não teria muito sentido se, fechada dentro de si mesma, pensasse apenas num crescente aperfeiçoamento do serviço prestado à sua clientela restrita e geralmente selecionada por força de fatores econômicos. Igualmente, o religioso educador preocupado exclusivamente com os problemas internos da escola, estaria contradizendo esse novo conceito de presença da Igreja no mundo de hoje.

Fundamentação teológica

Muito brevemente, é conveniente recordar que não se trata de um texto de especialistas em educação, preocupados com a modernização de métodos e técnicas pedagógicas, mas de um documento de pastores que, à luz da fé, detectam de um lado, a dignidade do homem e de todos os homens chamados a desenvolver plenamente suas potencialidades pessoais e sociais, e de outro, a negação dessa mesma dignidade em tantas situações, inclusive educacionais, no Continente.

O documento posiciona-se na mesma perspectiva que atribui à teologia: “trazer a luz do Evangelho para a convergência dos valores humanos em Cristo” (Med. 4, 1, 6), e explicita alguns dos princípios teológicos em confronto com a realidade, como fundamento para as sugestões para o agir.

— “Toda libertação é já uma antecipação da plena redenção em Cristo” (Med. 4, 11, 9).

— “A dimensão sobrenatural se insere no desenvolvimento e condiciona a plenitude de vida cristã” (Med. 4, 1, 7).

— Daí o apelo constante à “libertação integral do homem todo e de todos os homens”, ou ao “verdadeiro desenvolvimento que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas (PP. 20)” (Med. 4, 11, 8).

— Por isso mesmo, a Igreja, “enquanto servidora de todos os homens, procura colaborar nas tarefas... em todas as formas que interessam à sociedade” (Med. 4, 11, 9), e “sente-se particularmente solidária com todo esforço educativo que venha a libertar nossos povos” (Med. 4, 11, 9).

Era uma vez uma crise...

E como reagiram os REs diante desta problemática e destes posicionamentos, agora amplificados através da Conferência Episcopal?

Em vez de trabalharmos sobre qual seria a reação ideal do RE diante dessa proposta “desafiadora”

(Med. 4, 1, 2) e, ao mesmo tempo, “alentadora” (Med. 4, 11, 9), parece-me útil tentar rever qual foi essa reação.

Temos hoje uma razoável distância para examinar, com maior isenção, todo esse período de 15 a 20 anos, em que nós mesmos, religiosos educadores, estivemos envolvidos no centro do redemoinho.

Cada um de nós tem suas reações pessoais diante de um impacto, e essas reações vão evoluindo, em interação com a realidade social, com as reações dos outros, numa complexa trama de influências onde se misturam fatores psicológicos, reflexões teológicas e espirituais, influências ideológicas ou de lugar social; e idéias captadas — por vezes em fiapos soltos — através de leituras, debates, congressos... São elementos complementares que vão ajudando-nos a definir nossos posicionamentos de vida. Estes, portanto, não são resultantes de puras decisões cerebrais, voluntaristas e exclusivamente individuais. Neste sentido, podemos dizer que somos profundamente “sociais”, mesmo nas decisões que consideramos mais íntimas e pessoais.

Como dizíamos acima, Medellín é ponto de convergência ou de afloramento mais visível de toda uma série de questões que fermentavam na América Latina, principalmente depois do Vaticano II.

Talvez essa tentativa de retrair passos, que nem sempre podem ser considerados como pertencentes ao passado, possa ajudar-nos a abrir trilhas novas.

1 — Uma primeira reação manteve alguns REs e Escolas Católicas à margem e em atitude mais ou menos defensiva diante de questões vindas de dentro da Igreja, mas de fora da escola. Os questionadores eram: sociólogos, teólogos, bispos, agentes de outras áreas de pastoral.

Os REs sentiam-se alvo de constantes e descabidas denúncias não só à escola como tal (“reprodutora do sistema, da divisão de classes e da injustiça social, transmissora da ideologia dominante...”), mas à escola católica em particular (“dedicada à promoção dos já promovidos, alienada, empresarial...”), e, conseqüentemente, à permanência dos religiosos nas mesmas (“acomodados, instalados, faltos de coragem para arriscar, aburguesados na vida rotineira, tranqüila e cheia de mordomia”).

2 — Em muitos casos, essa abertura de horizontes levou à saída de um bom número de religiosos das escolas para outros campos de trabalho, por eles considerados mais de acordo com a própria vocação pessoal ou com o carisma da Instituição; ou para um trabalho chamado de “pastoral direta”, ou uma vida de inserção, julgadas mais coerentes com as linhas de pastoral da Igreja ou com as exigências do Evangelho e da realidade social hoje.

O fenômeno foi visto e interpretado por muitos REs como fuga do trabalho difícil e exigente da escola; como busca de uma ação pastoral mais gratificante e de resultados mais imediatos e palpáveis; como anseio de um maior grau de

autonomia e individualismo. Esses religiosos estariam buscando uma vida mais livre de problemas, aliviada das responsabilidades das instituições.

No fundo, via-se aí não só um perigo para o futuro das instituições, em conseqüência do que se chamava “fuga” ou “evasão” de religiosos para fora da escola, mas uma ameaça ao sentido da própria vida, durante tantos anos dedicada às escolas.

3 — Desencadeou-se assim, dentro das próprias Províncias e Congregações Religiosas um período de tensão e acusações mútuas, em nome de uma maior ou menor autenticidade e/ou fidelidade ao carisma, aos apelos da Igreja, às exigências da realidade latino-americana.

Curiosamente, tanto aqueles que permaneceram nas escolas, como aqueles que partiram para a “inserção”, “as pequenas comunidades” ou a “pastoral direta”, consideravam-se “sem espaços”, relegados a um segundo plano nas atenções das respectivas Províncias.

O governo religioso das Comunidades e Províncias viveu períodos extremamente difíceis, freqüentemente emprensado entre os dois grupos e cobrado de ambos os lados.

As reuniões, capítulos e assembleias provinciais foram vividas, não raras vezes, nesse clima de tensão, chegando-se, em casos de extrema radicalização de ambos os lados, a suprimir tais encontros ou a promover encontros e até retiros separados para uns e para outros.

A repercussão desta situação foi maior nos diversos grupos de formação das Províncias. Os religiosos jovens, que assumiram a vida religiosa depois do Concílio e depois de Medellín, sentiam-se mais atraídos para a vida religiosa em inserção e para os trabalhos a partir das Comunidades Eclesiais de Base, quando não manifestavam uma positiva aversão ao trabalho em grandes instituições e principalmente nas escolas.

Como conseqüência, a formação passou a ser vista pelos REs com reservas, como responsável direta por estas atitudes dos religiosos jovens, e conseqüentemente ainda, os formadores passaram a ser vistos também com suspeição. Em algumas Províncias chegou a ser proposta e até concretizada a idéia de fazer dois noviciados diferentes: um para a formação dos candidatos que optassem pela inserção e o outro para aqueles que iriam trabalhar nas escolas.

4 — As opções daqueles que partiram para outras áreas de pastoral — por vezes incentivadas e em não poucos casos apenas consentidas ou toleradas pelos superiores — tiveram de abrir-se caminho rompendo barreiras e resistências dentro das próprias Províncias.

Seus apoios, pontos de referência e seus “aparelhos de conversa” foram centrando-se cada vez mais nos grupos de agentes de pastoral na base ou nos grupos de religiosos de outras congregações que tinham assumido a mesma opção.

A necessidade de afirmação da própria opção, de permanecer na escola ou de partir para outra área de trabalho e de inserção, levou os dois grupos de religiosos ao que poderíamos chamar de “convicção intransigente e excludente”, cujo raciocínio básico em forma radicalizada, poderia ser enunciado assim: “quem não pensar e agir como eu, está simplesmente errado... e além disso não presta! Não dá para trocar idéias e muito menos para conviver com quem pensa diferente de mim... como poderíamos então partilhar a mesma Eucaristia?”

5 — Em algumas — poucas — Congregações de Religiosos Educadores mais rigidamente estruturadas, passou-se a evitar a participação de religiosos, principalmente dos mais jovens, em encontros, seminários ou congressos que pudessem trazer para dentro toda essa inquietação, vista como “balbúrdia” provocadora de desunião... Fechando as janelas, controlando as leituras e vigiando os contatos, tentava-se manter a paz interna e o mundo do lado de fora...

E ainda, de maneira mais geral, as eventuais saídas da Congregação por parte de religiosos que se tinham engajado na linha da inserção ou da pastoral popular, provocava até uma certa confirmação de teses: “Eu não dizia? Olha aí no que deu!”

6 — O que estava no fundo de toda esta problemática, creio que não era propriamente a decisão de alguns religiosos trabalharem mais diretamente pelos pobres ou sua opção por uma vida mais austera e

despojada. Isto seria bem mais facilmente assimilável. O que faz balançar as instituições, e conseqüentemente as pessoas que identificavam sua vida, seu ideal e sua missão com as mesmas, era algo bem mais complexo, resultante do cruzamento de fatores psicológicos, filosóficos e principalmente ideológicos e de posicionamento social:

— Perturbava a opção de alguns religiosos da própria Congregação, de trabalharem com os pobres e a partir deles, tomando suas causas e interesses, e verbalizando-os... nem sempre com "aquela resignação ou paciência dos próprios pobres".

— Em alguns casos, os REs sentiam um certo ar — mais insinuado do que explicitado — de purismo e autenticidade excludente por parte de alguns daqueles que assumiram outras áreas de trabalho e formas de inserção...: uma espécie de divisão simplista entre os bons e os outros, os mocinhos e bandidos.

— Incomodava o lugar que o pobre vinha tomando na Igreja e na própria Congregação: ele vinha sendo mantido a uma confortável distância, inclusive física, das Comunidades de REs, até pelas grades e muros dos Colégios... e agora tinha encontrado "porta-vozes auto-proclamados" dentro de casa.

— Molestava a denúncia constante, e muitas vezes "oportuna e importuna", trazida para a oração em comum, as refeições, o trabalho, os recreios comunitários.

— Inquietava, principalmente, a percepção de que a escola concreta — esta escola — pudesse ser con-

siderada, não apenas como ruim ou deficiente, mas como anti-evangélica, contrária aos interesses da libertação do povo, repetidora das injustiças e divisões sociais. Evidentemente, de roldão com a escola, entrava na mesma categoria toda a vida pessoal jogada a serviço da mesma.

— Causava mal-estar, igualmente, a personalização das denúncias contra a opressão, indigitando como culpados pela situação de injustiça precisamente as pessoas do grupo social com o qual trabalhavam as escolas.

7 — Neste mesmo período, dependendo das linhas de Pastoral das respectivas Dioceses, a presença de religiosos era valorizada somente na medida em que estivessem engajados na chamada "Pastoral Direta", nas Comunidades de base, na catequese paroquial ou até na escola pública.

Chegava-se a falar em "Religiosos na Pastoral" e "Religiosos na Educação", como se fossem dois corpos diferentes; como se aqueles que trabalham em outras formas de Pastoral não fossem ou tivessem que ser educadores e aqueles que trabalham na Educação não estivessem fazendo Pastoral.

A escola era vista, em muitas Dioceses, como remanescência de outras épocas pré-conciliares, para não dizer pré-históricas; e a presença dos religiosos nas mesmas era avaliada quase como um desperdício de forças, que poderiam ser muito melhor aproveitadas em outros campos.

Isto provocou, naturalmente, uma forte perplexidade nos REs, até porque a maioria das escolas tinha sido implantada naquelas Dioceses atendendo à insistentes pedidos dos Srs. Bispos poucos anos antes.

Mas, de outro lado, esse mesmo tipo de avaliação acabou levando muitos religiosos educadores a abrirem os olhos para além dos muros da escola, e a um engajamento complementar em outras áreas de pastoral.

8 — Aberto o campo para a atuação na pastoral em fins de semana, ou à noite, muitos REs passaram a multiplicar suas atividades nos dois campos: na escola, porque a redução do número de religiosos na mesma aumentava a carga de trabalho dos restantes; e na “pastoral”, onde o religioso encontrava o sentido, a sua identificação com a Igreja Local, a sua resposta aos apelos da realidade, sua forma de inserção.

Estes dois campos, de início, foram sendo mantidos de maneira estanque, dicotômica: na escola continuava-se trabalhando, agora com uma sobrecarga maior e com maior acúmulo de responsabilidades administrativas e de direção, mas com os mesmos métodos e os mesmos conteúdos e práticas, acrescentando a “ação pastoral” como complemento necessário para a realização pessoal e a ação na Igreja.

Entre outros, essa multiplicação de trabalhos, ainda que de início vivida de forma dicotômica, trouxe dois efeitos ponderáveis:

De um lado, a intensificação quantitativa de trabalhos produziu

um acúmulo de atividades, sacrificando o descanso, os horários preestabelecidos e o ritmo tranquilo das comunidades. Para aqueles que punham a “ordem” interna da Comunidade como um dos valores maiores da vida religiosa, isto causou consideráveis perturbações.

Mas, por outro lado, essa abertura para uma ação pastoral, exercida geralmente em bairros pobres e em interação com agentes de pastoral e com outros setores da pastoral diocesana, ampliou consideravelmente os horizontes dos REs e foi, aos poucos, facilitando um retorno à escola em perspectiva diferente. De alguma maneira, ainda que parcialmente, os REs começaram a ter contato direto e pessoal com o outro lado da moeda social, com agentes de pastoral de outras áreas e, principalmente com os pobres (não mais vistos como simples destinatários de algum benefício, ajuda ou campanha, mas na sua luta de cada dia, nas suas organizações, nas suas esperanças...)

Em boa parte, foi esta porta aberta que ajudou a começar a superar impasses e a re-situar as questões e até os problemas internos em outra escala.

A partir desse novo ângulo, começaram a tornar-se também mais factíveis os diálogos abertos com os religiosos que tinham partido para outros trabalhos e outras formas de inserção.

É claro que alguns REs já vinham fazendo esse tipo de ponte, desde muitos anos antes. Como é claro, também, que aqueles que passaram a fazer esses trabalhos complemen-

tares apenas como quem vai ensinar, levar ajuda ou estender a sua benevolência... não foram tocados muito profundamente pela experiência; voltavam de mãos vazias, com a mesma cabeça... apenas mais cansados, ainda que contentes por ter feito algum bem. Há um certo tipo de fechamento em quem chega "de cima" para distribuir seus saberes e benesses, que o torna impermeável à voz e à realidade sofrida do pobre.

9 — É importante notar, ainda que de passagem e entre parêntese que a problematização da escola neste período, não fervilhava apenas entre os religiosos educadores ou mesmo no âmbito restrito dos agentes de pastoral da Igreja.

Superada a etapa anterior, onde prevalecia o mito desenvolvimentista que tendia a considerar a escola ou a educação formal como a solução para a saída da "etapa de subdesenvolvimento", ou para conseguir uma significativa arrancada dos países chamados "em desenvolvimento", passou a prevalecer, nas próprias faculdades de educação, uma visão crítico-pessimista com relação à educação formal.

Por via direta ou de uma forma difusa, a maneira de pensar a educação e a escola era influenciada por autores cujas obras faziam parte de qualquer bibliografia na área da educação. Não é preciso ter lido estes autores para receber sua influência, ainda que diluída ou filtrada através de debates, cursos de pedagogia, congressos, livros e artigos.

Após um período de predominância dessa visão crítico-negativa da escola, de qualquer escola, parece firmar-se hoje, entre estes autores, uma defesa da escola de qualidade como direito e reivindicação do povo, com ênfase especial na escola pública, universal e gratuita, acrescentando às vezes qualificativos como a-confessional, laica, democrática e não-clientelista..., defendendo a aplicação de recursos públicos apenas para as escolas do Estado, etc. É claro que por aí se vislumbra um outro tipo de questões e problemas que começam a afetar e afetarão com maior impacto nos próximos anos as escolas católicas e os REs.

No momento, no entanto, interessa apenas destacar o fato de que os problemas vividos pela escola católica e pelos REs no período que estamos considerando, não nascem apenas no âmbito intra-ecclesial. Suas raízes estendem-se em campos bem mais vastos.

10 — Quanto à atuação nas próprias escolas, uma reação bastante freqüente foi a de incorporar ao vocabulário dos REs os novos termos, com algumas alterações mais ou menos periféricas que expressassem coerência entre o discurso e a prática.

Passa-se então a falar em "Educação Libertadora", "Pedagogia em diálogo", "Educação para a transformação social", "Comunidade Educativa", "O aluno como sujeito da própria educação", "Educação criadora", "Educação para a Justiça", "Formar Agentes de transformação".

Certamente, a inclusão desses termos nas propostas educativas representa, ao menos, uma séria intenção de planejar as escolas e a atuação dos REs em vista de tais objetivos.

Começa a intensificar-se, então, entre os REs, a busca de alternativas da ação pedagógica nas escolas: "Como fazer?", "Mostrem-me experiências"! "Que novas práticas precisamos introduzir?"

Houve, a partir daí, experiências novas e avanços consideráveis. No entanto, é preciso reconhecer, e creio que a maioria dos REs reconhece, que freqüentemente não se chegou a ir muito além do nível do discurso ou do "nível declamatório"(4).

A inquietação passou a ser progressivamente assumida, buscando-se traduzi-la em mudanças concretas, mas sentia-se uma forte consciência de falta de caminhos.

Essa tensão era sentida em relação a todas as áreas da escola, mas de uma maneira especial com relação ao setor econômico-administrativo. Esta área, mais freqüentemente que outras, permaneceu imune, até a nova "linguagem declamatória" que não deixa de representar um primeiro passo em direção à mudança. É claro que, por estar mais diretamente vinculada à dimensão de infraestrutura empresarial ou mesmo de subsistência, numa sociedade de bases capitalistas e em período de crise acentuada, esta área é muito mais complicada e impermeável a qualquer questionamento. Mas, por isso mesmo, precisaríamos

perguntar-nos, inclusive o que está acontecendo com os REs diretamente responsáveis por estes setores, seja a nível de escola, seja a nível de Províncias. Mesmo porque, com a redução do número de religiosos nas escolas, não são poucos os casos em que estes acabam restritos a funções prioritariamente administrativas (5).

11 — Diante desse novo vocabulário e das novas propostas que foram surgindo a respeito da ação na escola católica, parece-me que se podem constatar várias vertentes de tendências entre os REs.

De um lado estariam aqueles que, mudados os termos de linguagem e introduzidas algumas mudanças mais ou menos significativas, consideravam seu trabalho plenamente adaptado e em perfeita sintonia com as novas exigências da Igreja. É como se os documentos e posicionamentos da Igreja estivessem pedindo apenas uma nova linguagem a respeito da educação: atendida essa alteração, para que ir mais longe?

12 — De todos os questionamentos vindos nessa correnteza, alguns REs captaram apenas aqueles que se referem à necessidade de "renovação e atualização" (Med. 4, 111, 17), ou adaptação "às mutações históricas" (Med. 4, III, 17), mais esvaziados de sua força e reduzidos a uma modernização de métodos e técnicas mais eficazes ou atualizados.

Introduzem-se, então, dinâmicas de grupos nas aulas; suavizam-se as normas e exigências disciplinares; buscam-se métodos e processos didáticos mais participativos; promo-

vem-se encontros de entrosamento e formação para os professores; os pais passam a ser convidados com mais frequência; são desenvolvidas campanhas de ajuda.

Em alguns casos, tudo isto foi ponto de partida. Em outros, esta modernização, ainda que motivada ou talvez "racionalizada" a partir de outras bases, não se diferencia muito da modernização de escolas com intuito de lucro que, atendendo à mesma faixa de população mais exigente, buscam meios de tornar o serviço prestado mais atraente e satisfatório.

13 — Naturalmente, há um grupo razoável de REs que se manteve à margem, imune a toda essa avalanche de questionamentos, numa atitude um tanto cética com relação àquilo que caracterizavam como "novidades" que passam como ondas sucessivas de "modismos". Diante delas, o melhor é "ficar quieto e deixar passar... Um dia volta tudo ao início."

O raciocínio, neste caso, corre mais ou menos assim: "Falaram primeiro em educação libertadora; depois veio a idéia de educação para a justiça; daí completou-se com a educação evangelizadora; depois surgiu a educação à luz da opção pelos pobres... Vamos ver qual é a próxima moda!... Um dia param, e a gente continua trabalhando."

Todas essas propostas são vistas como desconexas entre si, pulando-se de uma para a outra, em busca da última novidade. E a atitude básica é de "trabalhar e deixar traba-

lhar". Um pouco na linha da famosa frase de superioridade do colunista social: "Os cães latem e a caravana passa." A caravana, naturalmente, são as escolas que continuam inalteradas em seu mundo próprio.

E todos foram felizes para sempre...

1 — A colocação de todas estas reações no passado, poderia dar a impressão de que estamos comentando uma fase já ultrapassada e plenamente superada. De fato, foi escolhida essa forma porque facilita uma leitura mais isenta.

Acredito que muitos REs passariam todos esses tempos dos verbos, sem qualquer constrangimento ou restrição, para um presente, ainda quente e tenso.

2 — Apenas uma amostra:

Numa reunião de coordenadores de educação em Províncias Religiosas com sede no Estado de São Paulo, realizada em junho de 1984, os participantes apontavam, entre os maiores problemas vividos pelos REs hoje, os seguintes (transcrevo literalmente):

— "Desunião quanto ao local de trabalho: periferia versus escola."

— "Fuga de elementos religiosos para a periferia."

— "Perda da identidade do religioso educador, ou descrédito do mesmo, no contexto de toda a Igreja."

— "Como ser profeta na escola que é empresa?"

— “A opção pelos pobres cria conflitos nos religiosos educadores que se sentem empresários nos colégios.”

— “A classe média-alta vai aburguesando os religiosos.”

— “A opção pelos pobres causa desânimo entre os religiosos que trabalham nas escolas.”

— “As limitações que nos vêm do lugar social (classe média); daí a falta de testemunho de pobreza e liberdade; e daí a falta de testemunho vocacional.”

— “Insegurança e até medo, diante do social que ‘cheira’ a subversão.”

— “Religiosos cansados; sem tempo para a vida.”

— “Será que não chega de tanto questionar?”

3 — É verdade que, como tônica geral, percebe-se entre os REs um clima de maior tranquilidade no trabalho escolar, se comparado com o ambiente mais carregado de alguns anos atrás... Que bom! Essa hipótese pode ser indício de que, mesmo assumindo todas as limitações que muitas vezes fogem ao nosso controle, foram encontrados rumos e ritmos mais coerentes com as solicitações da Igreja na realidade latino-americana.

... Mas ..., talvez seja conveniente levantar algumas suspeitas a respeito dessa “tranquilidade”: ela também poderia resultar do uso de “entorpecentes”... e além do mais, as casas vazias e até os cemitérios costumam ser lugares de muita “tranquilidade”...

4 — Em alguns casos, esse clima de tranquilidade pode significar apenas que se chegou a uma acomodação de terras depois de um terremoto: por uma diplomacia de “guerra fria” não se tocam certos temas... e vai-se levando a vida!; ou então, apenas parou a guerra por simples desistência de ambas as partes.

Também não seria totalmente descabida a hipótese de que, a abertura de alternativas diferentes tenha levado as pessoas mais questionadoras a optarem por outros campos de trabalho, deixando na escola o grupo de pessoas temperamentalmente mais maleáveis ou mais conformadas. Será?

Talvez as escolas católicas mais “desproblematizadas” sejam aquelas que melhor se enquadram, por opção mais ou menos expressamente assumida, como apoiadoras “das estruturas sociais e econômicas vigentes” (Med. 4 I, 4); e os REs mais “traquillos”, aqueles que, passando à margem de todos estes questionamentos, continuam educando “na ilha”.

Há quem chegue a explicitar isto em frases como esta que não foi inventada: “A gente sente-se mais à vontade em reuniões e congressos do sindicato patronal, onde se defende e exalta o valor da escola particular, do que em reuniões de AEC, CRB ou Igreja. Destas a gente volta com um monte de dúvidas e problemas para casa.”

Acabar com os questionamentos! Talvez seja esta a atitude de alguns grupos de Igreja que tentam mani-

pular o conceito de "Educação Evangelizadora" de Puebla (P. 1026) como meio de soterrar toda a proposta de "Educação Libertadora" de Medellín (Med. 4, II, 8).

5 — Creio que hoje o grupo mais significativo de REs percebe a nova perspectiva em que se coloca a educação católica como um manancial contínuo de questões sempre novas, que se multiplicam em cadeia; e vivem uma sincera disposição de "prosseguir incansavelmente nessa linha proposta" (Med. 4, III, 17), assumindo seu trabalho como pequena parcela de contribuição nessa "tarefa de criar a nova educação exigida por nossos povos" (Med. 4, II, 9).

Assume-se a limitação dos meios e a necessidade de um processo de "permanente avaliação dos métodos e estruturas" (Med. 4, III, 24) das escolas e da atuação dos REs. E essa busca é partilhada com outros REs que assumem a mesma caminhada.

Isto, evidentemente, supõe a atitude permanente de estar a caminho; supõe uma comunidade de religiosos educadores "dinâmica e viva", disposta a entrar "numa sincera experiência renovadora" (Med. 4, III, 19,c).

NOTAS

(1) Castejón, S. O Religioso Educador e sua Circunstância, in CONVERGÊNCIA, set. 1982, pp. 421-438. (2) Libânio, J. B. Educação Católica. Tendências Atuais, AEC-Loyola, 1983, p. 14. (3) Ver Documentos da Igreja sobre Edu-

E supõe, ainda na linguagem de Medellín, "um verdadeiro planejamento, continuamente renovado", porque, "devido à complexidade atual dos problemas educacionais nos países latino-americanos, não se pode conceber a pastoral educacional como uma série de atividades e normas desconexas" (Med. 4, III, 25).

Finalmente, para a alimentação desse contínuo processo de aprofundamento, com ~~confirmação, atualização e~~ dinâmica de vida — e necessariamente fortalecer, cada vez mais "a articulação entre os organismos episcopais de educação e os organismos correspondentes das Conferências de Religiosos e Federações de Colégios" (Med. 4, III, 26).

6 — Na verdade, parece-me que esperar que a superação dessa crise viesse desembocar em calma isenta de questionamentos, onde "todos fossem felizes para sempre..." seria ignorar as próprias bases que a desencadearam e a dinâmica interna que surgiu, a partir de Medellín, nas Escolas Católicas e nos Religiosos Educadores...

7 — "Mas, então, a crise continua?"

...E quem disse que toda crise é ruim?

cação, Coleção de Cadernos da AEC nº 9, pp. 42-50 ou Conclusões de Medellín, Ed. Vozes, Petrópolis, 1969, pp. 72-79. (4) LIBÂNIO, J. B. Educação Católica. Tendências Atuais, AEC-Loyola, p. 94. (5) Ver a respeito: CASTEJÓN A, O poder na escola. Elementos para uma análise crítica. In Revista de Educação da AEC nº 52: 5-24, 1984.

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1984

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1984. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC

Rio de Janeiro, RJ

ANTONCICH, Pe. Ricardo, SJ — Vida Religiosa a serviço da Redenção	175/407
AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho, SJ — Autoridade e discernimento — Vida Religiosa e preferência pelos pobres	169/28 170/104
BAGGIO, Fr. Hugó D., OFM — Campanha da Fraternidade: 84. Revitalizar a vida em nós	170/73
BARCIFONTAINE, Pe. Christian de Paul — CRB Nacional (Informe da CRB)	174/329
BIANCHI, Ir. Helena Maria, Congr. S. José de Chambéry — Exposição feita no painel sobre "Relações Mútuas entre Bispos e Religiosos" no dia 26/07/1983, durante a XIII AGO da CRB Nacional	169/37
BIAZUS, Fr. Jaime, OFM Cap — Relações Mútuas entre Bispos e Religiosos	169/34
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti — A Experiência cristã de Deus como vitória da vida	178/597
BOFF, Fr. Leonardo, OFM — Os ministérios numa Igreja Popular	174/341
BRASIL, Fr. Honório Rito de Leão, OFM — Nossos irmãos de vocação laical	177/526
BRUNELLI, Ir. Delir, PIDP — Encontro da Diretoria e Executivo Nacionais com os Presidentes e Secretários Regionais (Informe da CRB) — A participação comunitária no Novo Testamento	170/69 174/350
CARMEN MARIA, Ir. — Sion informa (Informe da CRB)	176/458
CASTEJÓN, Pe. Agostinho, SJ — O Religioso educador: uma crise superada?	178/621

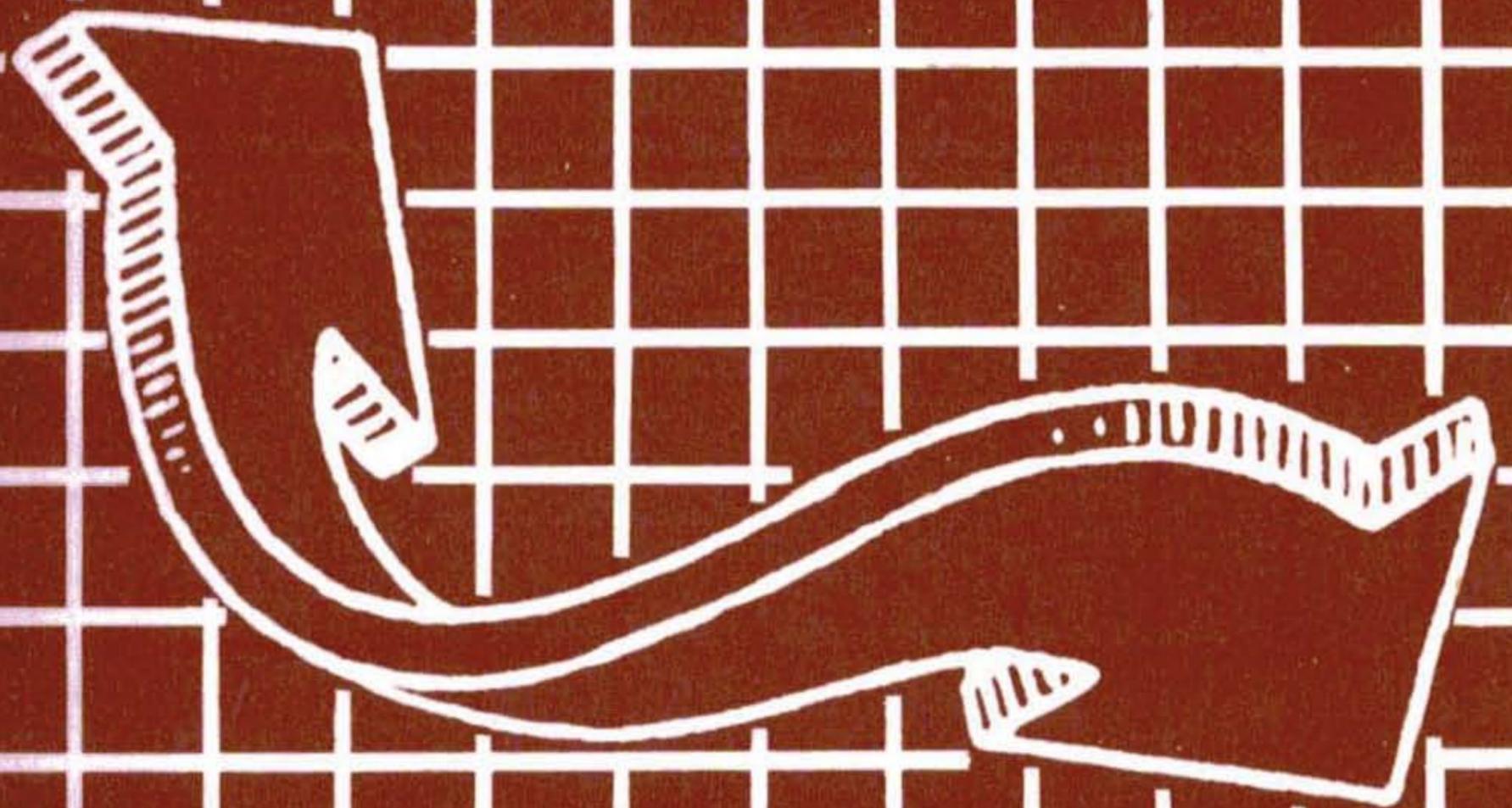
CERDA, Pe. Javier, SS.CC — Elementos para a animação da Comunidade Religiosa	170/83
CLAR. MARTINS, Hermengarda Alves, RSCJ — CLAR: 25 anos. Carta ao leitor	175/391
CLAR. VIII ASSEMBLÉIA GERAL — Resposta da Vida Religiosa ao hoje da América Latina	175/412
CLAR. XX JUNTA DIRETIVA — À CRB de Fortaleza	175/444
— Comunhão e inserção	175/439
CLAR — À CRB Nacional	175/443
— Comunicado à Imprensa: CLAR faz 25 anos	175/404
— Informe da Presidência	175/427
— Plano global para 1983-1985	175/422
— 25 anos	175/391
CNBB/CRB — 9ª Reunião conjunta da Presidência da CNBB e Diretoria da CRB Nacional (Informe da CRB)	175/517
— Reunião conjunta da Presidência da CNBB e CEP com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	173/259
COSTA, Ir. Maria de Lourdes Diniz — Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade (Informe da CRB)	176/458
COTA, Terezinha das Neves — Assumir ou não perder? (Informe da CRB)	171/138
CRB — Apelo do Bispo de Nampula, Moçambique à Igreja do Brasil (Informe da CRB)	173/262
— CLAR 25 ANOS (Informe da CRB)	170/69
— Nos 25 anos da CLAR (Informe da CRB)	176/460
CRB/BELÉM — Grupo de Reflexão de Educação (GRE). (Informe da CRB)	176/457
— Regional de Belém (Informe da CRB)	169/7
CRB/BELO HORIZONTE — Regional de Belo Horizonte (Informe da CRB)	169/8
CRB/BRASÍLIA — Regional de Brasília (Informe da CRB)	169/8
CRB/CAMPO GRANDE — Regional de Campo Grande (Informe da CRB)	169/9
CRB/CURITIBA — Regional de Curitiba (Informe da CRB)	169/10
CRB/FLORIANÓPOLIS. CUNHA, Ir. Ivete Terezinha, FMA e POSSAMAI, Ir. Ana, CF — Regional de Florianópolis (Informe da CRB)	169/10
CRB/FORTALEZA — (Informe da CRB)	177/522
— Pela Redenção Latino-Americana	175/387
— Regional de Fortaleza (Informe da CRB)	169/11

CRB/MANAUS. FERRARINI, Ir. Sebastião, FMS — Encontro da diretoria com os encarregados dos núcleos e/ou áreas. (Informe da CRB)	174/331
— Regional de Manaus (Informe da CRB)	169/12
CRB/PORTO ALEGRE. MARCON, Ir. Amélia — Regional de Porto Alegre (Informe da CRB)	169/13
CRB/PORTO ALEGRE. SCHNEIDER, Ir. Dirce, ICM — Curso para formadores e animadores de comunidade-CFAC. (Informe da CRB)	174/332
CRB/RECIFE — Regional de Recife (Informe da CRB)	169/14
CRB/SALVADOR — Reunião dos Superiores Maiores com a Diretoria da CRB — NE III (Informe da CRB)	174/334
CUNHA, Pe. Rogério Ignácio de Almeida, SDB — Solidariedade Consagrada: Profecia Latino-Americana	173/284
CUSTÓDIO FILHO, Pe. Spencer, SJ — Obediência em tempo de liberdade	171/140
DECORDINI, Ir. Margarida e SCHIESARO Ir. Domitilla — Irmãs da Sagrada Família: 150 anos de aprovação do Instituto (Informe da CRB)	176/463
FASSINI, Pe. Atico, MS — XI Congresso Eucarístico Nacional (Informe da CRB)	178/581
— Seminário para formadores (Informe da CRB)	178/580
FRIGO, Fr. Adelino, OFM Cap. — São Leopoldo Mandic, Apóstolo da Reconciliação (Informe da CRB)	171/135
FRITZEN, Ir. Silvino, J., FSC — Reunião CELAM — CLAR (Informe da CRB)	178/579
GEBARA, Ir. Ivone — Vida Religiosa e educação popular	174/360
GIACOMOZZI, Ir. Hedvigés, MC — Apelo missionário de Ouessou — Congo (Informe da CRB)	171/136
GONZÁLEZ DORADO, Pe. Antonio, SJ — Uma Pedagogia Evangelizadora para a América Latina	176/491
GRE. GRUPO DE REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO — A animação da Vida Religiosa no campo da Educação	178/607
— O Aprendizado de uma caminhada	176/477
GREGORY, Dom Afonso Felipe — A Opção Preferencial pelos Pobres. Tema antigo e sempre atual	172/241
GRUEN, Pe. Wolfgang, SDB — Novas orientações para a Catequese no Brasil	170/114

GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, OFM — Festa da Manifestação da Vida	178/589
HANRAHAN, Dom Patrício José, CSSR — A Missão profética dos Religiosos na Igreja hoje	172/225
HENGEMÜLE, Ir. Edgard, FSC — Santo Irmão Miguel (Informe da CRB)	178/583
JOÃO PAULO II —	
— Dia mundial missionário	176/451
— "Escolhe a vida"!	170/67
— O Espírito de pobreza de Maria	172/195
— Evangelização e serviço aos pobres	171/132
— Prece a Maria	172/196
— Quaresma 1984	171/131
— O Sofrimento humano	177/515
— A Solidariedade cristã impele-nos à ação	169/5
— A Vocação Religiosa	174/323
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — A Formação permanente: uma contribuição ao debate	177/544
— Vida Religiosa e vida do povo. Encontro e comunhão	171/152
LIBÂNIO, Pe. João Batista, SJ — Pastoral da juventude: o agir pastoral	174/369
— Pastoral de juventude	173/307
— O Tempo da vida e suas ameaças	177/566
LORSCHIEDER, Dom Aloísio — Minha mensagem, meu abraço fraterno	175/426
MARIA DA TRINDADE, Ir., Calvariana — Calvarianas: 150 anos de fundação (Informe da CRB)	171/136
MARIA MARGARIDA, Ir., OCD — V Etapa do PRO-FOCO (Informe da CRB)	174/326
MATOS, Ir. Maristella — Quarta etapa do PRO-FOCO (Informe da CRB)	171/133
MERCÊS, José Maria Ramos — Barnabitas em festa jubilar (Informe da CRB)	173/263
MESTERS, Fr. Carlos, O. Carm. — Restabelecer a justiça de Deus no meio do povo. Vida e luta do profeta Elias. Sobre a missão profética	171/175 171/175
MIRANDA, Pe. Mário de França, SJ — Discernimento cristão e contexto sócio-político	171/166
MOREIRA, Ir. Vilma, FI — Seguir Jesus Cristo, hoje, na América Latina: exigência Evangélica	176/465
NEERINK, Pe. Gaspard, MOPP — Exposição feita no painel sobre "Mediação do Pobre no exercício da autoridade na Vida Religiosa", no dia 26/07/1983, durante a XIII AGO da CRB Nacional	169/49
— A Inserção no mundo do trabalho: desafio à Vida Religiosa ..	172/232

convergência

DEZ — 1984 — ANO XIX — Nº 178



- **FESTA DA MANIFESTAÇÃO DA VIDA**

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM — página 589

- **A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS COMO VITÓRIA DA VIDA**

Maria Clara Lucchetti Bingemer — página 597

- **O RELIGIOSO EDUCADOR: UMA CRISE SUPERADA?**

Pe. Agostinho Castejón, SJ — página 621